

MARIÁPOLIS

9.10 2018

NOTICIÁRIO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

ANO XXXV SETEMBRO•OUTUBRO

Posto nº 101 | Specizione in abbonamento postale DL 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n. 46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A./C.R.M./33/2012 | Taxe perçue | Tassa riscossa Roma



Focolares
temporários
**Tesouros
de reciprocidade**

Delegados 2018/1
Novo impulso
Novas
potencialidades

**20 anos de
«Inundações»**
Fazer massa crítica

Santificarmo-nos como Igreja

Com o encontro dos responsáveis da Obra abre-se o novo ano ideal de 2018-2019, que terá por tema: «O Espírito Santo, alma da Igreja e do mundo». No dia 16 de julho, a Emmaus convidou-nos a continuar a «viver com Maria», tentando olhar para a Igreja e para o Espírito Santo como Maria, «sendo ajudados por Ela para viver assim, também este ano».

A seguir, um escrito de Chiara Lubich de 1970, que nos transporta imediatamente para a dimensão que estamos prestes a viver.

2 de março de 1975. Chiara Lubich, juntamente com os jovens participantes no Genfest, reúne-se com Paulo VI (a 14 de outubro de 2018, o Papa Montini foi canonizado durante o Sínodo da Juventude)



[...]

Notamos, especialmente entre os leigos, que o modo de se santificar, como se concebia até agora, é pouco aceite. Aliás, às vezes é até considerado como uma coisa ultrapassada. O estilo de santidade do cristão de hoje, vai para além de uma perfeição que se procura individualmente e pode-se exprimir do seguinte modo: queremos-nos santificar juntos, desejamos uma santidade coletiva. [...]

O semblante da Igreja, ora transparente de luz, ora ofuscado por sombras, deve refletir-se em cada cristão, em cada grupo de cristãos. Isso significa que devemos sentir como nossas, não apenas todas as alegrias da Igreja, as suas esperanças, os novos desenvolvimentos, as suas conquistas, mas sobretudo sentir como nossas todas as suas dores: a dor da comunhão não plena entre as Igrejas, a dor lancinante de situações atribuladas, de contestações negativas, da ameaça de confiscar tesouros seculares; a dor angustiante por muitos

que renegam ou não aceitam a mensagem que Deus anuncia ao mundo, para a sua salvação. Em todas essas agruras, sobretudo nas espirituais, a Igreja que sofre identifica-se com o Crucificado dos nossos tempos, que grita: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mt 27,46). Aqui há tempos, estive no eremitério de Alverne, onde meditei sobre a graça excepcional dos estigmas que Deus concedeu a Francisco de Assis, como prova da sua imitação de Cristo e do seu ser cristão. Pensei que todos os verdadeiros cristãos deveriam ser estigmatizados, não no sentido extraordinário e exterior, mas espiritual. E tive a impressão de compreender que os estigmas do cristão dos nossos dias são justamente as misteriosas, mas reais, chagas da Igreja de hoje. Se a caridade de Cristo não se dilatou a ponto de sentirmos em nós a dor dessas chagas, não somos como Deus quer que sejamos hoje. Nos nossos dias, não é suficiente uma santidade apenas individual, e muito menos uma santidade comunitária sim, mas fechada. É preciso sentirmos em nós os sentimentos de dor e também de alegria que Cristo, na sua Esposa, sente hoje. É necessário que nos santifiquemos como Igreja.

Chiara Lubich

Excerto de Chiara Lubich - *A Igreja*, editado por Brendan Leahy e Hubertus Blaumeiser, Cidade Nova, Abrigada 2018

Novidades editoriais

Dois livros que vão ajudar o aprofundamento que se vai fazer este ano sobre o Espírito Santo e a Igreja



O Espírito Santo

"A presente coleção foi feita, em primeiro lugar, para preencher um vazio. De facto, entre as numerosas publicações de Chiara Lubich, não havia um volume específico dedicado ao Espírito Santo. [...] Terá sido porque, precisamente pelo conhecimento direto que ela tinha da presença do Espírito e da sua ação, se tenha sentido diante do abismo, do imenso, do indizível: "Cabe à Igreja, dizia, falar do Espírito Santo"?

No entanto, ao reunirmos os textos escritos sobre Ele, apercebemo-nos da sua enorme quantidade e qualidade! [...]

As páginas desta coleção gostariam, portanto, de ser o cântico, o hino, que Chiara eleva, a título póstumo, para Aquele que foi o grande realizador da sua vida e o arquiteto da Obra que ela fundou".

do Prefácio de Florence Gillet, Raul Silva

A Igreja

Desde o início, Chiara Lubich "teve uma abordagem que era tudo menos passiva, mas sim participativa e criadora da Igreja. [...] Para dizê-lo com uma expressão feliz do Papa Francisco: como "história de amor". [...] Assim, os escritos reunidos neste volume permitem-nos encontrar uma experiência e uma compreensão da Igreja, dinâmica e relacional, através dos conteúdos fortes e vitais. E marcadamente carismática [...].

"Nós só temos sentido na Igreja, com a Igreja", reiterou Chiara, em 1999, numa reunião em Malta. "O ut omnes unum sint [que todos sejam um; Jo 17:21] foi confiado à Igreja por Jesus [...] e este carisma serve para fortalecer esta qualidade da Igreja. Então, deve-se caminhar com a alma totalmente unida à Igreja." »

do Prefácio de Brendan Leahy, Hubertus Blaumeiser

Encontro dos delegados 2018/1

Novo impulso novas potencialidades

Em Castel Gandolfo, concluiu-se o primeiro encontro dos responsáveis do Movimento dos Focolares em todo o mundo

Não se deveria falar de conclusão, no final do primeiro encontro de delegados da Obra nas zonas. A expressão correta talvez seja a de "balanço intermédio", porque quando chegou ao fim, no domingo, dia 23 de setembro, não foi nem a primeira metade do encontro anual dos responsáveis do Movimento em todo o mundo. Enquanto no primeiro encontro participaram representantes



Alguns gen participantes no encontro com Emma Maria Voce, Jesús Morán, Friederike Koller, Angel Bártol

da Ásia, América Latina, América do Norte e Oceânia, de 3 a 14 de outubro - quando este número da revista Mariápolis já tiver sido enviado - vai-se realizar o segundo, que diz respeito à África, ao Médio Oriente e à Europa (e falaremos sobre isso na próxima edição).

Uma "Mini-Assembleia": eis o título que alguém - em tom de brincadeira - deu a este encontro, porque, pela primeira vez, os delegados do Movimento no mundo são acompanhados por alguns membros de seu Conselho de Zona. O programa - preparado por uma comissão internacional - é quase o mesmo para os dois encontros: na primeira semana, aprofunda-se o tema que nos guiará durante 2018/19: "O Espírito Santo, a alma da Igreja". Na segunda semana, abordam-se alguns objetivos prioritários. Os encontros por grupos geográficos com a



Presidente e o Co-Presidente são de grande importância.

"De que Igreja estamos a falar?" Foi a pergunta com a qual a Maria Voce abriu o seu discurso programático "O Espírito Santo: a alma da Igreja e do mundo". Não era uma pergunta retórica. Referia-se, explicitamente, à questão ecuménica. Mas, considerando a audiência a quem apresentou a questão, também se poderia entender noutro sentido: "De que igreja estamos a falar?"- poderia perguntar a focolarina da Venezuela, onde a Igreja está quase paralisada perante a dramática situação política. . "De que igreja estamos a falar?", poder-se-ia questionar o focolarino casado dos EUA, onde, atualmente, a própria Igreja Católica parece dividida por eventos políticos e ataques contra o Papa. E "de que Igreja estamos a falar?", poderia perguntar, quase com ironia, quem representa o Movimento no Japão, onde os cristãos representam apenas 0,1% da população.

Ainda que legítimo, não é este o olhar sobre a Igreja oferecido por Maria Voce. Da sua abordagem emerge uma visão do "alto": uma Igreja mãe, corpo de Cristo, povo de Deus e, portanto, família. É a Igreja animada pelo Espírito Santo, onde encontra liberdade de ação, e em que os cristãos vivem o amor recíproco.

Jesús Morán, por sua vez, centrou-se no Movimento enquanto realidade filial da Igreja e, como tal, chamado a mostrar, por seu lado, o que a Igreja poderia ser. O Co-Presidente apresentou um estudo teológico-sapiencial da visita do Papa Francisco a Loppiano, no dia 10 de maio. «Na "mudança de época" em que a humanidade se encontra a viver hoje, o Papa propõe-nos contri-

buir para a construção da "civilização global da aliança", disse Jesús Morán. "Temos uma grande responsabilidade, mas também todas as graças para responder a este novo chamamento de Deus".

Ao Arcebispo de Aquila, Mons. Pino Petrocchi, coube a tarefa de explicar como o carisma da unidade poderia encarnar-se, ainda mais, nas estruturas da Igreja local. Isto não é uma opção, sublinhou o novo cardeal. "A Igreja reclama-o!" E como é que se faz? "Servindo a Igreja pela Igreja, com gratuidade e com o estilo de Maria: mãe, professora e modelo de comunhão".

Aos dias de aprofundamento espiritual, seguiram-se os encontros das diferentes zonas com a Presidente e o Co-Presidente, nos quais se procurou avaliar, conjuntamente, o trabalho do ano passado e, daí, partir com indicações para o futuro. Não se tratou de encontros à porta fechada. Os interessados - entre 60 e 90 pessoas - sen-



14 de setembro - O encontro com as zonas da América

tados no primeiro bloco de cadeiras da sala do Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, tinham atrás de si - quase em silêncio - os membros do Conselho Geral e os participantes das outras zonas.

Abordaram-se temas transversais: formação, o papel das cidadelas, o perfil dos conselhos de zona, o diálogo ecuménico ou inter-religioso. Abriu-se, assim, um colóquio entre as diferentes zonas e com Maria Voce

e Jesús Morán, composto de perguntas, exemplos e conselhos. Esta modalidade de diálogo realçou as muitas vantagens amadurecidas no caminho da “nova configuração”, nos últimos anos: nova abertura, novas formas de colaboração e sinergia para além das fronteiras regionais, zonais e nacionais.



No final da primeira semana, focou-se o olhar no percurso ecuménico da Obra. Na presença do bispo luterano Christian Krause, agora presidente da Federação Luterana Mundial, os participantes abordaram uma questão específica: “Como ampliar o círculo dos Bispos de diferentes Igrejas, que se inspiram no Ideal da unidade?”. O bispo Krause fez uma proposta interessante, adequada para reavivar o empenho ecuménico de todo o Movimento. Será um tema a aprofundar, posteriormente, nas diferentes zonas...

Na segunda semana, o encontro entrou numa fase mais operativa. Frederike Koller e Ángel Bartol, os dois delegados centrais, ofereceram uma análise realista do percurso atual: com os passos feitos nas zonas e no Centro, os desafios a enfrentar e as perspetivas que se estão a abrir.

Durante três dias, os participantes aprofundaram três temas prioritários para os próximos anos. Na parte da manhã, dedicada à “nova sementeira” veio em particular evidência que existem duas formas de realizar a “novidade”, no anúncio da nossa mensagem: semear em campos novos e, isto é, em territórios novos, ou identificar novas formas de semear em campos já cultivados. Foi forte o apelo de uma gen2 aos adultos, quando falámos sobre as “novas gerações”: “Precisamos de vocês, da vossa ajuda, da vossa orientação, apesar de, às vezes, vos darmos a impressão de que não queremos aceitá-la!” E as três horas dedicadas à encarnação, através dos “Movimentos de Massa”, puseram de novo o enfoque na grande meta a alcançar: “fermentar a humanidade, para a tornar uma coisa só, uma família” (Maria Voce).

Embora seja muito cedo para fazer uma avaliação conclusiva, pode-se dizer que, neste primeiro encontro, se destacaram algumas linhas interessantes: os inconvenientes que a “nova configuração” causou aqui e ali, com as fusões e a alternância nas estruturas de governo, estão a transformar-se em potencialidades; nota-se, um pouco por todo o lado, uma nova fantasia em enfrentar os desafios, um maior envolvimento das comunidades locais, novas formas de colaboração entre os vários órgãos do Movimento e com especialistas



15 de setembro – O encontro com as zonas da Ásia e da Oceânia

que muitas vezes não pertencem ao mesmo. Resplandece o contributo dos Movimentos Paroquial e Diocesano. E valoriza-se cada vez mais a presença dos “empenhados” nos Movimentos de massa como vocações autênticas.

É notável o que veio em evidência na última manhã do primeiro encontro em Castel Gandolfo. Para dar o “lá”, mais uma vez Chiara, com a sua intervenção em Loppiano,



As intervenções dos gen2

em 1966, conhecida sob o título "Paixão pela Igreja". Este discurso parecia pronunciado para os dias de hoje. Chiara convida o Movimento a passar de um amor pela Igreja a uma paixão pela mesma, da tensão a “tornarmo-nos santos juntos” a “santificarmo-nos Igreja”, isto é, fazer próprias as alegrias da Igreja, as suas dores e erros, as suas separações, os seus estigmas e “a amar, sem medida, sem retribuição, ... amar a Deus nos outros”.

Não é por acaso - sublinhou Emmaus – que, precisamente neste momento histórico tão difícil para a Igreja, o Espírito Santo tenha feito com que aprofundássemos o tema da Igreja da qual Ele é a alma. É Ele quem nos convida - palavras de Jesús Morán - a olhá-la com “olhos de ressurreição”.

Joachim Schwind

Formação Os «cofres»

Para a formação das comunidades do Movimento dos Focolares saiu o "cofre" Chiara Lubich sobre *A Igreja* e sobre *O Espírito Santo*, realidades e pontos da espiritualidade que serão aprofundados no decorrer de 2019. Contém: 4 DVDs, 1 CD de áudio e outro com os respetivos textos, em várias línguas.

Foi, também, criada uma publicação destinada aos gen, os jovens do Movimento. Em 2 DVDs recolheram-se 12 textos de Chiara Lubich que - em anos e ocasiões diferentes – oferece, com entusiasmo e paixão, respostas e aprofundamentos sobre a Igreja e o Espírito Santo.

Pensou-se, também, nos mais pequeninos com o DVD *Um presente extraordinário do Espírito Santo - a Igreja: uma grande família!* Para descobrir estas realidades juntos, através de alguns episódios da vida de Jesus e dos primeiros cristãos, fez-se uma seleção de respostas dadas por Chiara aos gen4 e algumas experiências de gen4 de todo o mundo.

cscmedia@focolare.org



17 de setembro de 1948-2018

Rumo a uma humanidade nova, a política como vocação

A 70 anos do encontro entre Chiara Lubich e Igino Giordani, um congresso em Roma recorda-o para atualizar a sua mensagem aos desafios de hoje



"Rumo a uma humanidade nova, a política como vocação" - é o título do artigo do *Avvenire* sobre o evento de 18 de setembro, na biblioteca da Câmara dos Deputados no Palácio San Macuto.

Maria Voce sublinhou que Chiara «indicou o caminho a percorrer juntos, para sermos "construtores de uma humanidade nova". E isso já demonstra, com factos, que a fraternidade universal não é um simples sonho, mas uma utopia que se faz História e que se realiza, também através de nós.



Maria Voce cumprimenta a deputada Rosa Russo Iervolino

Na presença de deputados, embaixadores, presidentes de câmara e administradores locais, foram muitas as intervenções relevantes. A deputada Rosa Russo Iervolino, amiga da família de Giordani, para além da comoção das

recordações, trouxe a solidez de uma mulher que viveu, intensamente, a sua vocação política. Em particular, destacou a modernidade da ação de Chiara Lubich, que desafiava, entre outras coisas, os estereótipos da época. E depois lembrou a figura de Giordani. Concluiu aludindo às causas das suas canonizações: "Temos a certeza de que a santidade de Foco e de Chiara é total".

Na abertura da conferência, as palavras de Giordani, que sublinhavam o amor a cada irmão, mesmo se do partido considerado "inimigo", numa sala cheia de pessoas a trabalhar nas mais diversas frentes políticas e até muitas vezes opostas, renovaram a esperança de que a unidade é possível, até mesmo na política.

*ao cuidado do Centro Igino Giordani
e do Centro Chiara Lubich*

Mais notícias e gravações em vídeo:
www.focolare.org • www.centrochiaralubich.org
www.iginogiordani.info • www.mppu.org
www.facebook.com/IginoGiordaniFoco

Igino Giordani acreditou nesta utopia desde o primeiro encontro com Chiara Lubich, em 17 de setembro de 1948. Ele compreendeu, profundamente, este caminho, esta cultura nova, acolheu-a, e, em profunda unidade com Chiara, promoveu-a a todos os níveis».

1 Cf. O sonho do nosso tempo, no Voluntaryfest (Budapest 2006), em Ato, Città Nuova, Roma 2007, p. 153.

Dublím 2018

Um novo início de esperança

O encontro mundial das famílias, de agosto passado, recebeu o Papa Francisco num acontecimento que deu vigor à família e coragem à Igreja da Irlanda



«Dias extraordinários de uma forte presença do Espírito Santo que, muito para além de nós mesmos, iluminou cada passo». É o que afirmam muitas pessoas da Obra, que colaboraram na realização do IX Encontro mundial das famílias, na capital irlandesa, de 21 a 26 de agosto.

É já uma tradição que se realizem encontros mundiais, de 3 em 3 anos, cada vez num ponto diferente do planeta, para celebrar a família na sua concreta quotidianidade, com os seus valores e grandes potencialidades. Ao preparar-nos para esta IX edição, que trouxe o Papa até Dublin, notava-se no ambiente qualquer coisa de especial, um sofrimento generalizado que não se podia

ignorar: os escândalos que, nos últimos tempos, provocaram rejeição e desilusões nas pessoas, levando a abandonar a Igreja.

O Papa Bergoglio, durante os seus encontros na Irlanda, com uma grande humildade e profunda compreensão, assumiu sobre si este sofrimento, não só ao encontrar-se pessoalmente com oito das vítimas de abusos, mas ao pedir publicamente perdão durante a Missa, que concluía o encontro.

O D. Brendan Leahy, bispo de Limerick, amigo do Movimento, numa entrevista à rádio, teve palavras significativas ao sublinhar que «Embora seja necessário tempo para curar esta situação, o Encontro Mundial das Famílias foi uma oportunidade para que se

celebrasse a fé, através da concentração de tantas famílias, como há tantos anos não sucedia na Irlanda. Um momento de reforma positiva, que provocou um bom efeito: penso que tudo isto é um sinal de um novo início de esperança».





Dublin, 25 de agosto. A festa no Croke Park, com duas famílias que ofereceram o seu testemunho, da Índia, à esquerda e do Canadá, à direita.

O Congresso

O Congresso realizou-se, com a participação de 30.000 pessoas, na sua maioria irlandesas. Mas muitas vieram do resto do mundo. Foi entre os dias 22 e 24 de agosto, no 'Royal Dublin Society', que é uma ampla área com grandes espaços de reunião.

Foram três dias intensos e alegres nos quais se experimentou a beleza e a importância da família. Houve programas específicos para as crianças e adolescentes, pensados e animados também com a colaboração de membros do Movimento. Alguns também deram apoio a uma série de 'mesas redondas' para os adultos, sobre as mais diversas questões da família: a primazia do amor na vida do casal, o problema da violência doméstica, do uso das redes sociais, como santificar a festa; qual o motivo para se casar na Igreja, a responsabilidade educacional dos pais e o valioso contributo dos avós; a crise relacional e como redescobrir o entusiasmo inicial. E assim por diante. Uma destas mesas-redondas, que recebeu 1200 pessoas, foi sobre o acolhimento, nas famílias e nas paróquias, de LGBT, as pessoas de orientações sexuais diferentes.



mais de 400.000 pessoas que viram pessoalmente o Papa, de milhares delas que viajaram noite afora, vindos de todos os cantos da ilha. Uma prova de que a fé católica ainda existe na Irlanda.

O contributo do casal Salerno, responsáveis centrais de Famílias Novas

O Festival das Famílias

O Festival, realizado no *Croke Park*, o maior estádio da Irlanda, durante a noite do dia 25 de agosto, teve 70.000 pessoas presentes, além das que seguiram a transmissão pelas várias redes de televisão. Foi um grandioso momento de crescimento e de alegria. Como fundo, a riqueza da cultura e arte irlandesas: um incomparável espetáculo, com a singela participação de crianças e adolescentes das escolas de dança, de artistas internacionais e das famílias. Entre os testemunhos, três eram de famílias do Movimento, vindas de Burkina Faso, da Índia e do Canadá, que serviram de fio condutor para o lindo discurso do Papa.

Um casal irlandês comentou: «Nesta noite de sábado, o *Croke Park* foi sensacional! O Papa Francisco chegou, enquanto se cantava que há um buraco em cada coisa, mas que é através dele que a luz pode penetrar. Isto fez-nos lembrar Jesus Abandonado, presente nesta “noite escura” da família e da Igreja. Mas o Espírito Santo encontra sempre maneira para que a Luz penetre». Um pai acrescenta: «O Papa Francisco, com o seu esplendido sorriso, tão cheio de amor e compaixão, levou-nos todos até Deus. As palavras que nos disse eram tão verdadeiras e compreensíveis a todos! Gostei quando afirmou que «ninguém diz que a vida familiar é fácil. É como fazer um chá - é fácil ferver a água, mas uma boa chávena de chá exige tempo e paciência para a infusão Assim Jesus, dia após dia, aquece-nos com o seu amor e penetra completamente no nosso ser...».

A Missa final

A solene conclusão do evento celebrou-

-se no domingo, 26 de agosto, no *Phoenix Park*, a esplendida moldura verde tipicamente irlandesa. A súplica de perdão do Papa Francisco, pronunciada na sua língua materna, através da qual ele se responsabilizou pelo mal cometido pelos sacerdotes, bispos, religiosos e religiosas a menores e nos cuidados para com as mães solteiras, foram como um bálsamo para os 300.000 presentes e para os milhões de telespetadores na Irlanda e no mundo.

Uma participante disse: «no *Phoenix Park*, impressionou-me o bom humor, a alegria e a disponibilidade de todos os que percorriam a pé os vários quilómetros, até chegar ao local da celebração da Missa». Confidenciou uma jovem senhora: «Também no tempo de Jesus houve muitos que não acreditaram Nele e que se foram embora. Eu senti que Jesus me perguntava pessoalmente 'Queres-te ir embora, tam-

bém tu?'. Como S. Pedro, percebi que não haveria outro lugar para onde ir! Com todo o meu coração eu quero ficar aqui».

Todos nós, que somos da

Obra, nos sentimos gratos a Maria por nos ter preparado para este acontecimento, neste ano que lhe é dedicado, ensinando-nos o seu «saber perder tudo», para nos encontrarmos como numa grande Mariápolis-Igreja, imersos na multidão com a alegria de poder oferecer a presença de Jesus no meio a todos. E, juntamente com as outras várias organizações, dar vida a um rosto novo da Igreja.

Catherine Burke, David Hickey



Várias pessoas do Movimento estiveram ao serviço, em várias frentes

Mariápolis 2018

Um mosaico matizado

Deu-se um passo audacioso na «nova sementeira», uma inteligente e eficaz procura de novas formas, um envolvente protagonismo das novas gerações ...

O fenómeno «Mariápolis», que também neste 2018 ganhou vida em todas as regiões, se tivesse que ser representado plasticamente, teria o símbolo do mosaico: feito por mil pedacinhos variegados. Cada um com o próprio significado e a sua importância, para compor o conjunto.

Este ano houve muitíssimas Mariápolis, talvez numericamente mais pequenas, devido ao cuidadoso esforço de mergulhar na realidade local e abrir as portas da «cidade de Maria» ao maior número possível de pessoas: novos territórios, comunidades com a responsabilidade na organização e na elaboração dos conteúdos ...

por cada um e o seu papel na vida da família da Obra.

Torna-se impossível falar de cada uma delas, mesmo se brevemente¹.

Uma nota característica foi a grande presença das novas gerações. Assim aconteceu no



«Só Maria é a verdadeira Autoridade, desta única cidade» cantava-se durante os primeiros tempos [do Movimento]. Agora, talvez como nunca, nas Mariápolis deste ano, deu-se, a esta maternal Presença, o seu espaço e a voz, como uma oportunidade de descobrir melhor o Amor pessoal de Maria

Egito, com os seus 460 Mariapolitas, onde se soube harmonizar quatro programas diferentes segundo as faixas etárias, de jovens e muito jovens. «Uma lindíssima previsão de futuro para a nossa comunidade são os inúmeros gen5».

Na Bolívia, a Mariápolis concluiu-se com o primeiro Genfest nacional, com 500 participantes: «Uma grande esperança para os jovens daqui». Mas, sobre o tema das «para além de todas



1 Em www.focolare.org se encontram~se as sínteses de algumas Mariápolis.



as barreiras» (*Beyond all borders*), focaram a sua atenção não só na Costa do Marfim, mas também na região Indiéné-Djuablin e da Sérvia. Um jovem de 18 anos expressou-se desta maneira: «Quando nós, jovens, nos encontramos para preparar a Mariápolis, quisemos realçar o motivo pelo qual se faz a Mariápolis todos os anos. Eu disse que, para mim, não é questão de ir à Mariápolis todos os anos: a Mariápolis é o meu estilo de vida, para partilhar».

Também no Haiti, dos 400 participantes, 80% eram jovens. O bispo de lá estimulou com força a que se continuasse a trabalhar pela juventude, que se sente abandonada e entregue a si própria.

Na Índia, uma das Mariápolis foi numa outra localidade do Kerala, organizada em estreita colaboração com o p. Shinto de «*For you*» [para ti], grupo inspirado em Chiara Luce, com a sua equipa de jovens. Estes, com um grande zelo apostólico pelo Ideal, convidaram, uma a uma, as pessoas presentes. E escreveram: «Éramos cerca de oitenta, com muitos jovens e crianças, um bom grupinho de religiosas de várias ordens, uma família completa. De Bangalore e de Goa veio um grupo de 16 pessoas, das várias vocações da Obra, entre as quais a nossa tradutora oficial na língua local, língua *malaiala*. Passadas poucas horas, a atmosfera que se respirava era tal, que parecia que já estávamos no final da Mariápolis».

A Mariápolis de Almaty (Kazakistan) fez-se com a ajuda do focolar temporário, composto por duas focolarinas e um focolarino de Moscovo, e outra que veio da República Checa. Graças ao relacionamento pessoal com o frei Luca, estavam 35 pessoas. Alguns tinham-se aproximado da Igreja só há muito pouco tempo. «Os que nos conhecem só há poucos anos, deram a conhecer o ideal a outros, contando as suas experiências. Entre eles Genia, de uma Igreja evangélica de

Taldykorgan, que, apesar da doença que o limita muito na vida diária, foi testemunho concreto do que significa “dar a vida”».

Uma anotação especial merece a Mariápolis da Toscana (Itália): «Todos os dias se faziam excursões pela montanha e passeios nas várias cidades da Umbria, ricas de espiritualidade, de história e de cultura. O Frei Francisco, a irmã Carla, o padre Matteo, religiosos franciscanos e as agostinianas de Montefalco, mostraram-nos a beleza dos carismas, à luz do Ideal. A plenitude da alegria, a liberdade, o acolhimento que se experimentou e que cada um exprimiu, foi fruto do trabalho de unidade de toda a Obra. No final, parecia-nos ter vivido o clima das primeiras Mariápolis: “Mariápolis... não houve quem te dirigisse, ninguém te construiu: só irmãos, provenientes de todas as regiões, ofereceram o seu coração a Deus para que, entre todos, o Reino dos Céus brilhasse”».

de Umberta Fabris



Pós-genfest de Tagaytay

Em profundidade e... não só

Em Tagaytay, do dia 8 a 14 de Julho, o Pós-Genfest foi o percurso natural após o Pré-Genfest, que se realizou em vários Países asiáticos e o Genfest no World Trade Center de Manila (Filipinas)

«Haverá muitos momentos em que a escuridão quererá agarrar-vos, e até os amigos que vocês admiram pelo trabalho que fazem, talvez até pela unidade, cheguem a abandonar a causa. Serão criticados, e até escandalizados. Mas a pergunta é se querem continuar a trabalhar por um mundo unido. Pois bem, pensem no vosso momento de 2018, pensem nos pobres e continuem a seguir o vosso caminho para *'fazer a diferença'*.

Cada um será chamado a fazer algo de pequeno ou de grande, não importa. Importa cada esforço, se for feito por amor. A vossa geração pode ser a que vai para além das barreiras e encontra as soluções para fazer da pobreza apenas uma recordação». Este foi o encorajante testemunho de Lawrence Chong¹ como conclusão do Pós-



Genfest, aos mil jovens de 55 Nações, reunidos no *'Center for Community Transformation'* de Tagaytay, cidade das Filipinas onde se situa a Mariápolis *'Pace'*, uma cidadela do Movimento dos Foculares.

Uma banda, como requer a hospitalidade local, recebeu festivamente os participantes: «Nós estamos aqui com um objetivo comum: prosseguir juntos a nossa viagem,



fazer uma experiência profunda de ir para além das barreiras. Não percamos tempo: aproveitemos cada ocasião, cada momento para construir relacionamentos de unidade enraizados no amor, no respeito e na abertura ao outro».

O Pós-Genfest apresentou sete *workshops* temáticos: 1. Cidadania global: educação à Paz e desafios de ir contra a corrente; 2. Na vida, que direção seguir? Abre o teu coração; 3. Uma rede para a unidade: 'social media' para além das barreiras; 4. As Religiões em harmonia: diálogo



Inter-religioso; 5. Ecologia: uma só Terra: Re-imaginar um cuidado do ambiente; 6. Economia de Comunhão: modifiquemos as regras do jogo; 7. Reciprocidade: contexto para a renovação da sociedade.

Orientados por especialistas/facilitadores, estes *workshops* forneceram os instrumentos para trabalhar eficaz e concretamente sobre como realizar o ideal do mundo unido. Criaram-se páginas de Facebook para se

comunicarem, no mundo inteiro, os passos feitos nesta direção.

O *workshop* que juntou o maior número de participantes foi o de «Life Directions» (Na vida, que direção seguir?), um programa de discernimento, conduzido pelos centros dos focolarinos e das focolarinas. Dos mil participantes, estavam duzentos e cinquenta, provenientes de várias nações, com tradução em 16 línguas.

As experiências concretas eram o ponto central do programa. Um lema para pôr em prática durante o dia servia de orientação quotidiana. O primeiro foi «Abre o teu coração»: um convite a abrir-se à verdadeira felicidade, procurando remover tudo o que impede de viver intensamente o momento presente.

Vários adultos fizeram a observação: «Nestes quatro dias vimos jovens sedentos de uma relação com Deus, numa busca profunda, com simplicidade e serenidade. Foi uma experiência de luz, que abriu novas possibilidades de diálogo com os jovens sobre o chamamento, mesmo a uma vocação radical». Alguns disseram: «Era mesmo isto o que eu precisava, nesta altura da minha vida. Viver o momento presente, ter as portas abertas, dar passos para além de mim pró-

1 Voluntário de Singapura que colaborou como especialista no *workshop* "Economy of Communion: Changing the Rules of the Game", Lawrence é o administrador delegado de "Consulus", uma inovadora empresa consultora internacional.

prio». «Os jovens que falaram da sua opção, de seguir a Deus de maneira totalitária, deram-me coragem para que eu faça a minha opção, só por amor». «Foi importante para mim compreender como responder à chamada: perceber que Deus me ama, escutar a sua voz no meu interior e decidir seguir a Jesus. Estou muito contente por esta experiência».

Participaram também jo-



vens de várias religiões e culturas, como o Saurabh, da Índia, vindo de uma comunidade muito ativa a nível do social, onde os seus membros procuram Deus ao trabalhar para o bem comum. Na Índia, o Movimento dos Focolares participou com frequência nos seus projetos e eles vieram ao Genfest precisamente para corresponder a esta colaboração. Saurabh partilhou o que pensava sobre a construção de um mundo unido, no contexto do mundo globalizado, sob a influência da tecnologia, e sobre a maneira de ultrapassar as barreiras físicas e linguísticas. Afirmou que será possível um mundo unido, quando cada pessoa estiver disposta a abrir-se, a ir para além de si mesma e a comunicar com os outros com a verdade e honestidade.

Contribuiu para um conhecimento re-

cíproco mais profundo a apresentação cultural e recreativa dos Países participantes, através de danças cheias de cores, canções, jogos. Lila Ramos Shahani, secretário-geral da Unesco nas Filipinas, que esteve presente no último dia, sintetizou desta maneira a sua impressão: «Nas Nações Unidas, nós falamos de paz, mas nunca falamos de amor. Foi isto o que eu percebi ao escutar-vos. É este o vínculo que falta».

*Chun Boc Tay, Nar Plaras
corresponsáveis da Mariápolis Pace*



De Fontem Um sentido apelo à paz

O 'Fon' enviou um urgente pedido de orações pelo seu povo, oprimido pelas desordens que continuam a arrasar a região

Não parece retroceder a grande onda de violência que atravessa o Sudoeste dos Camarões, onde se encontra a cidadela de Fontem. Os bispos da Nação apelaram várias vezes por ajuda, ao ver a precariedade da situação de segurança nas áreas anglófonas, pedindo uma mediação política, para que cessem as «inúteis guerras civis».

A cidadela dos Focolares está numa zona onde o confronto armado está aceso. Teve que encerrar o Conjunto escolar mas continua a fazer funcionar a sua estrutura hospitalar e a oferecer assistência a quem necessita.

O Fon, como máxima autoridade local, no dia 28 de agosto, escreveu à Emmaus Maria Voce uma carta na qual expressa, entre outras coisas, a «profunda e sincera gratidão aos membros de todo o Movimento dos Focolares e, sobretudo, aos que trabalham em Fontem». Num tom premente prossegue: «Como seres humanos, tentámos de vários modos restabelecer a paz que havia antes e ajudar as pessoas a viver a vida que a “Mamã Chiara – Mafua Ndem” nos ensinou, mas, a maior parte, senão todos os nossos esforços revelaram-se inúteis. Muitos do meu povo, e até os membros do Movimento, foram vítimas desta crise. Penso que as pessoas que trouxeram a vida, a esperança, o amor, a unidade e a luz de Deus a Fontem, estão submetidas a um tratamento



Viagem de Chiara a Fontem, 11 de maio de 2000.
O «pacto do amor recíproco» entre os Fon de Fontem e de Fonjumentaw

desumano. O meu coração chora quando penso nos esforços de desenvolvimento e nas infraestruturas que o Movimento dos Focolares trouxe e que foram destruídas, e nós pouco podemos fazer para as salvar». Continua: «Na crise atual, milhares de pessoas fugiram das suas casas e encontraram refúgio no Centro Mariápolis. A minha gratidão ultrapassa todos os limites, pelo facto de os focolarinos optarem por permanecer com a minha gente. [...] O Movimento dos Focolares é como a espinha dorsal de Fontem, sem a qual não somos nada». O Fon, com a sua carta, quer «pedir a todo o Movimento dos Focolares no mundo, que reze de maneira especial por Fontem e pelos Camarões, para que a paz volte ao País. O nosso maior desejo é viver as palavras da Mamã Chiara “que todos sejam Um”».

Da redação

Em *Mariápolis online* o texto integral da carta do Fon

Gen3 No Centro das... Cores



«A experiência da Caseta “recarregou-nos” para enfrentarmos o novo ano Ideal e... escolar.

Aprofundámos a realidade das Cores, os sete aspectos que caracterizam a nossa vida e que Chiara Lubich associou às cores do arco-íris. A cada um de nós estava confiada uma das cores. E, como no arco-íris, o branco contém em si todas as cores, assim também, entre nós, por turno, havia um que tinha o “branco”. E era ele que propunha o tema da meditação para o dia.



Ficámos hospedados num pequeno chalé, onde cozinhámos, dormimos, limpámos, jogámos...

Desenvolvemos as competências do centro gen3: alguns escreveram uma carta para promover a Comunhão de Bens e a dar notícias sobre as atividades do ano; outros documentaram a Mariápolis Celeste e idealizaram um

Alguns gen3 da Itália deram vida durante uma semana, em setembro, a uma Caseta gen3 no Centro. Eis alguns extratos do diário deles

jogo para sensibilizar os gen mais pequenos para o projeto “Fome Zero”. Um de nós trabalhou no centro gen4, outro adaptou as próximas Palavras de vida para os adolescentes. Um pensamento especial foi para o Rodrigo, um gen3 do Brasil que está doente, a quem escrevemos uma carta.

No primeiro dia fomos convidados para jantar na Casa Vida, o centro dos focolarinos. Foi interessante conhecer e passar o tempo com eles.

No Centro da Obra muitos nos acolheram e “mimaram”. Também o Jesús e a Emmaus, que nos surpreenderam com uma caixa de chocolates deliciosos!

Trabalhámos para o “Prophetic Economy”, o evento que se desenvolverá em novembro (www.propheticconomy.org) e onde nós, adolescentes, somos convidados especiais, ou melhor. construtores em primeira pessoa.

Fomos protagonistas no encontro anual da redação da revista *Teens*, juntamente com outros gen3 e a redação de Panamá, em colegamento *skype*.

A nossa proposta é: que se possa repetir esta Caseta para todos os gen3, uma experiência que permite também aprofundar as Cores e o estudo, através da Escola Mariana gen3. Também seria bom poder cuidar do nosso relacionamento e trabalho com os gen4 e os gen2!».

Elia, Lorenzo, Marco, Matteo, Samuele, Vincenzo

Venezuela

25 Bispos no focolar

Durante o encontro da Conferência episcopal venezuelana em julho, um numeroso grupo de Bispos viveu uma tarde no focolar de Caracas

«Aquilo que disseram ao se apresentarem - que estão felizes por estar aqui – a nós, como venezuelanos, vai direto ao coração. Há muita gente que não quer vir, e que foge do País, mas vocês permaneceram, apesar das graves dificuldades. Este encarnar-se, mergulhar na vida em cada situação alegre ou triste ou de esperança, é o que distingue a vida de um cristão, que é “cultura do encontro”, como diz o Papa Francisco». Expressaram-se assim os 25 Bispos que estiveram no focolar feminino na tarde de 9 de julho, estando presente também a família Peretti, de visita do Centro do Movimento.

Durante o jantar, fizeram muitas perguntas sobre a nossa vida. Falando de Maria, como um ponto da espiritualidade aprofundada este ano nos Focolares, recordamos a experiência de Chiara Lubich, de baixo dos bombardeamentos, e do «Quero revê-La em ti...». Foi muito incisiva a curta-metragem da visita do Papa Francisco a Loppiano.

Entre os presentes da Conferência episcopal, José Luis Azuaje, bispo de

Maracaibo, e o cardeal de Mérida, Baltazar Enrique Porras, administrador apostólico de Caracas. Foi rico de perspectivas o relacionamento estabelecido com os Bispos da diocese do leste, onde ainda não há comunidade do Movimento: prevê-se para o ano 2019 uma Mariápolis na diocese de Carúpano. O Bispo de El Tigre, onde nos dirigimos durante o ano para estar com a comunidade, desejou que possa nascer ali «uma casa da unidade».

Vir a esta casa é como entrar num oásis de paz, de serenidade. Este momento convosco não é um parenteses, mas faz parte da Conferência» – disseram-nos, agradecendo-nos e encorajando no trabalho no âmbito ecumênico.

Gozámos da beleza da Igreja hierárquica venezuelana: simples, próxima das pessoas, autêntica, alegre, não obstante a prova! Fizemos uma experiência de Igreja: Maria que acolhe os apóstolos e é, por sua vez, acolhida por eles.

*Marquinho Barbosa Oliveira,
Roberta Munegato*



No Castelo de Seggau «Procurei Bispos e encontrei amigos»



Este ano, a hospedar o encontro de verão dos Bispos mais empenhados com o carisma da unidade foi a antiga sede dos Bispos de Graz, na Áustria, agora transformada em centro do encontros

Foto © segVes



Estivemos juntos de 23 de julho a 1 de agosto. Para sete de nós, era pela primeira vez. Uma graça especial foi a saudação do Papa Francisco, através do card. Angelo Becciu.

Como a determinar a nossa convivência, estiveram três perguntas.



Onde estamos?

Recordámos, na abertura do encontro, que a participação dos bispos no carisma da unidade nasceu sem nenhuma estrutura e sem nenhum nome. Esta vida entre Klaus Hemmerle, D. Acácio Rodrigues, Josef Stimpfle e outros tornou-se uma verdadeira vida de «focolar», não só durante as férias de verão, mas também à distância, durante o ano.

Contudo, Chiara Lubich, em 1984, propôs-lhes uma «reviravolta»: reconhecendo toda a riqueza de comunhão fraterna, com a presença de Jesus no meio, convidou-os a projetarem-se decididamente, juntamente com todo o Movimento, para o «*Ut omnes*», vivendo pela unidade das Igrejas e pelo diálogo entre as religiões e com todas as pessoas de boa vontade. Rever a nossa vida com essa luz, fez-nos perceber mais profundamente o desígnio de Deus, que um dia chegou até cada um de nós, como um verdadeiro chamamento.



Para onde se encaminha a Obra?

Com Maria Voce e Jesús Morán entrámos numa segunda etapa. Foi tocante voltar a ouvir com eles o discurso do Papa, na visita a Loppiano em 10 de maio: uma espécie de *Vademecum* para o caminho do Movimento, mas também uma luz para a vida da Igreja hoje.

Sobre este fundo, aprofundámos com a Emmaus o tema do novo ano: «O Espírito Santo, alma da Igreja e do mundo».

Num diálogo aberto, a Emmaus e o Jesús revelaram o relacionamento entre nós «caracterizado pela unidade, mas não pela uniformidade». À pergunta sobre que perspectivas prevêm, responderam: radicados na vida da unidade, trata-se de testemunhar e levar «um estilo de Igreja em linha com o pontificado de Francisco», centrada na espiritualidade do «nós» e na sinodalidade que, «frequentemente, é um conceito, uma estratégia, mas não consegue ainda tornar-se um modo de viver no quotidiano».

Para onde iremos: encarnação eclesial do carisma da unidade

A terceira etapa abriu-se com um escrito de Chiara em 1951: «A Ordem de Maria não vive para si ... mas para a Igreja». Com esta alma, interrogámo-nos sobre a encarnação do carisma da unidade na Igreja local. A colocar as bases esteve o card. Giuseppe Petrocchi, que, à luz da sua larga experiência, delineou alguns princípios gerais para nos movermos bem nesta tarefa.

Seguiram-se dois contributos de experiências: Rosalba Poli e Andrea Goller, responsáveis dos Focolares para a zona de Itália, referiram-se à primeira «Escola pastoral», realizada de 15 a 21 de julho, em Loppiano, em colaboração entre a Obra em Itália e o Centro *Evangelii Gaudium* do Instituto Universitário *Sophia*¹.

Depois Brendan Leahy, bispo de Limerick. Não devemos limitar-nos a retocar as estruturas clássicas – disse –, mas trabalhar com uma visão alargada – uma tarefa a fazer com o contributo de toda a Obra: pensar juntos, trabalhar juntos, para se ser presença do Carisma no próprio território.

Vida fraterna

Foram muitas as ocasiões de comunhão fraterna, nos focolares compostos para a ocasião e durante passeios e excursões. Entre as metas, a antiga Abadia beneditina de Seckau, com o cordial acolhimento dos monges. Expressimos assim a nossa unidade também com um carisma antigo, como aquele de São Bento.

De regresso a «casa», esperávamos a comunidade local do Movimento. Cânticos tradicionais e modernos, trechos musicais e experiências transmitiram-nos uma atmosfera de família e alegria, mas também o empenho na Igreja e nas várias frentes da sociedade.

Entre as muitas impressões, eis uma de um Bispo presente pela primeira vez: «Se vim para procurar Deus em mim, encontrei-O em vós, em mim e no meio de nós. Em vós, porque procurei Bispos e encontrei amigos ...».

card. Francis X. Kriengsak Kovithavanij

¹www.focolare.org/news/2018/07/27/operatori-pastorali/

Carismas para a unidade

Projetar juntos o futuro

Num encontro que se realizou em Roveré (Verona), de 2 a 10 de agosto de 2018, consagradas e religiosos dos Focolares, olhando juntos as próximas etapas de um caminho partilhado

Estávamos no verão de 1967 quando um grupo de religiosos, que partilhava a espiritualidade da unidade do Movimento dos Focolares, se encontrou pela primeira vez no monte Bondone, próximo de Trento. Nos anos seguintes, estes encontros repetiram-se trazendo frutos de unidade nas várias famílias religiosas. Passados 51 anos daquele primeiro convergir, uma novidade: o encontro foi preparado e vivido juntos, Religiosos e Consagradas.

A exigência nasceu do percurso que os dois ramos da Obra de Maria está a fazer desde há alguns anos, com tendência a unificar os dois Movimento ao largo, dos Religiosos e das Consagradas, num único projeto chamado «Movimento

Carismas para a unidade». Projeto que tende a recuperar e atualizar a visão originária de Chiara, para a qual a presença na Obra de Maria das pessoas consagradas era motivada pelo seu ser portadores de um carisma. «Nós – dizia Chiara - só temos que fazer circular o amor entre as diversas Ordens».

Os participantes no encontro de verão de 2018 foram 66, provenientes de diversos Países europeus, do Uganda, do Senegal, do Brasil, do México e dos EUA.

Uma novidade foi a presença de 11 gen-re: seis jovens religiosos e cinco jovens religiosas. Alojados numa estrutura pouco distante, partilharam parte do programa, estando com as e os religiosos adultos durante as manhãs, nas quais fo-



ram aprofundados os textos do *Paraíso de '49* com o contributo de Lucia Abignente e Alberto Lo Presti.

Eram muito expressivas as suas referências: «Tudo nestes dias ultrapassou as nossas expectativas. Experimentámos entrar, também nós, na *Alma* e, voltando para casa, queremos continuar a viver ali. Ficámos estupefactos e encantados, ao entrar no *Paraíso*. Tocámo-lo e experimentámo-lo!». Maria envolveu-nos a todos. A comunhão vivida em cada dia foi tão profunda, a ponto de chegar a dar-nos as realidades mais íntimas da alma de cada uma e de cada um» Parece-nos poder dizer que uma graça especial caiu sobre nós nestes dias e o coração está cheio de gratidão a Deus, a Chiara, à *Obra*. «Fascinou-nos a unidade experimentada com os focolarinos e as focolarinas da primeira e segunda geração».

Nas tardes, aprofundaram-se temáticas respeitantes ao Movimento ao largo, com trocas de experiências das várias zonas. Outros argumentos foram: as «famílias carismáticas» (com uma intervenção em vídeo-conferência de Donatella Acerbi, presidente da Família Carismática Pallottina e coordenadora da Associação Famílias Carismáticas em Diálogo), os Empenhados dos Movimentos ao largo (MLR), as novas gerações, o ecumenismo entre os religiosos, o diálogo interreligioso, o Centro *Evangelii Gaudium* e a revista *Ekklesia*.



Jésus Morán, copresidente do Movimento dos Focolares, interveio em vídeo-conferência e falou dos frutos da visita do Papa Francisco a Loppiano, em 10 de maio. Com um olhar lungimirante fez entrever os possíveis desenvolvimentos a vários níveis e encorajou-nos a mostrar à Igreja e à humanidade quanto o carisma da unidade fecunde cada nosso carisma e os revele na sua natural tendência para a unidade.

Este encontro pareceu um novo início, graças ao facto de o termos vivido juntos, consagradas e religiosos, com a presença de alguns jovens religiosos (gen-re) e graças ao momento histórico que a Igreja está a viver através das ações do Papa Francisco.

Fizemos a experiência de uma passagem de Deus na nossa vida. Assim se exprimiu um participante: «O sentir-se e ser efetivamente “uno” manifestou-se num crescendo. Pode-se dizer que Deus nos fez e continua a fazer-nos a graça de experimentar, de certo modo, a graça do “Paraíso de 49”. Conhecendo isto, dá vontade de ir em frente!».

Ir. Tiziana Longhitano, p. Salvo d’Orto

Na «Vinea Mea» O focolar ao centro

Em Loppiano, duas «escolas» para responsáveis de focolares sacerdotais

«Deslizei na experiência do “Paraíso de ‘49” e tive de desativar todos os travões».

Assim se exprimia um dos 55 participantes das duas «escolas» para sacerdotes responsáveis de focolar, que houve pelo terceiro ano consecutivo na «Vinea Mea» de Loppiano, nos meses de junho e agosto.

Provenientes de 20 Países, de quatro continentes (faltava só a Austrália), para alguns era a primeira vez que viviam juntos partilhando os aspectos também mais concretos da vida.

Durante cinco manhãs foram acompanhados a «viajar no Paraíso» - segundo uma expressão cara a Chiara Lubich – seja através das gravações vídeos, seja com intervenções diretas de Judith



Povilus e d. Hubertus Blaumeiser. Encontraram-se todos na particular experiência da «Alma», participada pela própria Chiara Lubich.

O aprofundamento dos aspectos «Harmonia e Ambiente» e Sabedoria e Estudo» com o aporte dos conselheiros da Obra, Vita Zanolini e Vitek Valtr, Renata Simon e Francisco Canzani, mostrou concretizado o que Chiara «viu» na experiência de luz de ‘49. A necessidade



de encarnar o Ideal na Igreja local, para que essa corresponda às expectativas do Papa Francisco, foi evidenciada pelos responsáveis centrais dos Movimentos Paroquiais e Diocesano, d. Mariano Frigerio, Sameiro Freitas, Marco Bartolomei.

Iñaki Guerrero Ostolaza, focolarino psicólogo, ofereceu com competência o próprio contributo sobre os aspectos psicológicos da vida de unidade.

Viver com os habitantes da cidadela, nas celebrações no santuário da «Theotókos» ou durante o jantar partilhado nos focolares, tornou mais consciente o ser parte daquele povo de Chiara, que o Papa encontrou em Loppiano, em 10 de maio.

Durante a «escola» de agosto, num colegamento via *skype*, o copresidente Jesús Morán antecipou alguns pensamentos do seu tema sobre o significado da visita do Papa Francisco, com um paralelo com aquela de João Paulo II ao Centro da Obra em 1984, evidenciando a importância da vida do Focolar para o caminho de renascimento da Igreja.

p. Natale Monz



Mundo juvenil

Focados no nós

Congresso internacional para jovens empenhados dos Movimentos paroquial e diocesano

Na tarde do dia 30 de agosto, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo havia um ar de festa: estavam a chegar os participantes no primeiro Congresso para jovens empenhados dos Movimentos paroquial e diocesano, que se realizaria no Centro. Alegria e emoção, com a expectativa de algo de novo que está a começar.

Sentimos que é o ponto de chegada de um caminho feito ao longo destes anos e que, em unidade com toda a Obra, fez com que esta vocação dos Empenhados jovens fosse ganhando forma. Mas trata-se também de um ponto de partida para um novo impulso, para dar o Carisma, às mãos cheias, às Igrejas locais, sobretudo no mundo juvenil.

Eram 160 os participantes de vários países da Europa, África, América Latina e Médio Oriente.

Parece-nos que foi uma experiência profunda de Deus, presente entre todos. As meditações sobre o *Paraíso de '49* fizeram entrar na realidade do Pacto, que englobou todos. Outros momentos profundos foram a meditação sobre a «Escolha de Deus» e uma tarde inteira em que se abordou o tema sobre o «discernimento».

Foi muito especial a hora vivida com D. Stefano Russo, bispo de Fabriano que, com simplicidade, clareza e com a sua experiência, realçou como levar o Carisma às articulações da Igreja local. Algumas palavras sobre o *Instrumentum laboris* para o Sínodo sobre

os jovens, – com a experiência de um jovem que participou no pré-sínodo – colocou-nos no coração da Igreja, que se está a preparar para este evento tão importante! As palavras do Papa Francisco foram muito fortes: «Não se contentem com o passo prudente de quem se esconde no fundo da fila. Arrisquem, avancem para a frente!».

Contaram-se muitas experiências, e muito profundas, durante todo o congresso. As notícias sobre o Genfest, com a mensagem da Emmaus Voce, foi um momento de profunda

comunhão com toda a segunda geração. Os quatro *forums* sobre os desafios em que os jovens estão mergulhados, também foram muito participados: comunicação, trabalho e comunhão, estudo...

Havia muita vida nos pequenos grupos em que estavam divididos, para fazer com que tudo fosse experiência imediata de Jesus no meio. Na conclusão, na Missa, fizemos os três pactos: um momento comvente o do amor recíproco, e profundo o do Pacto da unidade, depois da Comunhão.

Sentiram-se totalmente confirmados no coração da Obra, como parte integrante da segunda geração e despediram-se com o desejo de ser só Palavra e de viver plenamente a vida da unidade, para levar o Carisma à Igreja e à humanidade.

p. Mariano Frigerio, Sameiro Freitas,
Marco Bartolomei





Novidade editorial

Nasce a revista Ekklesia

Uma publicação trimestral dirigida a todos os que trabalham no campo eclesial, em sinergia entre a Obra de Maria e o Grupo editorial da Città Nuova. No subtítulo, «Carreiros de comunhão e diálogo», o estilo que vai caracterizar os conteúdos

Nos dias 9 e 10 agosto, um momento esperado com sabor a fundação. Tinha terminado o encontro anual das Secretarias dos religiosos em Roveré (Verona). Pela primeira vez, reúnem-se as redações das duas revistas *Unità e carismi*, promovida pelos religiosos, e *Gen's*, animada pelos ramos sacerdotais. O objetivo é audaz: dar vida a uma nova revista que possa exprimir e servir o compromisso, já não de alguns ramos, mas de toda a Obra. Vai-se chamar *Ekklesia*. *Carreiros de comunhão e diálogo* e sairá no final deste ano.

Esta nova publicação do Grupo editorial Città Nuova vai ser útil como «fonte de inspiração, instrumento de formação e subsídio de ação» não só para aqueles que conhecem o carisma da unidade, mas também para muitas outras pessoas, que trabalham por uma Igreja em saída, em sintonia com o Concílio Vaticano II, com as linhas de orientação do pontificado do Papa Francisco e com a experiência ecuménica.

Já há alguns meses que se trabalha para este desenvolvimento. Mas esta é «a assembleia constituinte», como foi definida pelos dois conselheiros do violeta da Obra, Renata Simon e Francisco Canzani. Nele participam



11 de agosto de 2018. «A assembleia constituinte» de Ekklesia com 28 redatores, os conselheiros do anil, Renata Simon e Francisco Canzani, pessoas de outras vocações da Obra, entre as quais Aurora Nicosia, diretora do sector informativo de Città Nuova.

28 redatores de 11 revistas em sete línguas, na grande maioria religiosos, religiosas e sacerdotes, mas também – como um sinal de novidade – pessoas de outras vocações da Obra, entre as quais Aurora Nicosia, diretora do sector informativo da Città Nuova.

Como pano de fundo dos dois dias, e, aliás, a traçar o programa de *Ekklesia*, estão o tema de Jesús Morán sobre «O génio eclesial de Chiara Lubich» (vídeo de 3 de outubro de 2016) e o profético discurso de Chiara «A paixão pela Igreja» (Loppiano, 10 de agosto de 1966).

Ouvi-los nesta circunstância foi um apelo para ver com outros olhos a crise que as Igrejas vivem atualmente, no seu conjunto e em muitos locais do mundo: são «nossos» e interpelam-nos, chamam-nos a fazer frutificar o Carisma de forma incisiva e com um total desinteresse!

Na primeira manhã, ao apresentarmos-nos, partilhámos a situação das várias edições de *Unità e carismi* e *Gen's*, nas várias áreas geográficas: um quadro que realçou muitas potencialidades já em ação, mas também muitos desafios quanto aos recursos económicos e humanos.

Sobre esta base, o projeto *Ekklesia* revelou-se uma perspetiva apaixonante, que abre horizontes de muito maior alcance para o futuro. Apresentado nas suas várias dimensões – da missão ao objetivo e às sinergias a estabelecer, até ao pessoal da redação, e ao aspecto gráfico em elaboração

– envolveu todos como protagonistas.

Como garantir – interrogámo-nos – esta dimensão intercultural e mergulhar, simultaneamente, nos vários contextos eclesiais e socioculturais? Tendo, por um lado,

um «ponto de reflexão» anual comum, como estes dias em Roveré, e por outro a colaborar, juntamente com leigos da Obra e com Casas editoras, em algumas revistas impressas e/ou digitais que inculturem nas várias áreas linguísticas.

No segundo dia, Jesús Morán, em ligação WebEx, impulsionou-nos fortemente, fazendo notar que o nascimento de *Ekklesia* acontece num momento crucial, em que a Obra sente a necessidade de uma maior encarnação do Carisma e está a adquirir, sobretudo de

pois da visita do Papa a Loppiano, uma nova consciência eclesial. Temos que oferecer – disse-nos – com este instrumento, um contributo para a reforma promovida pelo Papa Francisco e para a descoberta da Igreja como lugar de grande plenitude, também humana.

Num animado trabalho em grupos e em plenária, dedicámo-nos à programação dos conteúdos dos primeiros números de *Ekklesia*, identificando temas a abordar, testemunhos a apresentar, boas práticas a partilhar, horizontes a desbravar.

A nossa confiança – como dissemos na conclusão – está em Jesus no meio, que deve estar na base de tudo, vivendo bem enraizados em Jesus Abandonado. Com ele – temos a certeza – vamos ver coisas que ultrapassam as nossas possibilidades.

Carlos García Andrade, Hubertus Blaumeiser



Igreja e Compositores Evangelizar com a música

No encontro «Igreja e compositores: Palavra e sons», promovido pelo Conselho Pontifício da Cultura (13-15 de setembro) participou, convidada pelo presidente, o card. Gianfranco Ravasi, a Nancy Uelmen, compositora, música e cantora do Gen Verde

Eram cerca de 110, representantes de Conferências episcopais e Institutos acadêmicos de numerosos países, e muitos compositores. Dedicou-se um grande espaço à música litúrgica tradicional, mas chegou-se também a exprimir a grande necessidade da música na evangelização, também fora do âmbito litúrgico. «Chegou a hora da coragem expressiva», disse o compositor mons. Marco Frisina. Afirmação que realçou o tema que eu própria tinha escolhido, para o *workshop* que iria apresentar: «Espiritualidade e Composição na Nova Evangelização». O laboratório proporcionou um olhar sobre a situação dos jovens de hoje, assim como aprofundou o impacto que os compositores podem ter na resposta ao apelo de «ir ao encontro das periferias», dos mais desfavorecidos. Esta é a meta dos nossos projetos «Start Now», em que os jovens recebem uma preparação em várias disciplinas artísticas

e fazem uma exibição connosco, no concerto final. Desta forma, conseguimos dialogar com milhares de jovens, em muitos lugares do mundo.



Partilhei alguns episódios sobre como a espiritualidade da unidade nos ajuda a passar do «eu» ao «nós», no processo de composição. Antes de começarmos a compor novas canções, a fazer os ensaios, de começar os *workshop* ou um concerto, renovamos um pacto de amor recíproco. Isto significa pôr de lado as nossas ideias musicais, ou intuições artísticas para aceitar as dos outros. Viver a espiritualidade da unidade ajuda a construir o nosso estilo musical, em que cada uma de nós se revela plenamente como é, com toda a beleza da sua cultura



14 de setembro. Na «mesa» dedicada aos Movimentos, estavam três relatores: Luciana Leone Martinez pelo RC; Pippo Molino por CL, Nancy Uelmen pelos Focolares.

e da sua personalidade, mas também fazendo parte de um conjunto maior, expressão da harmonia do «nós». Esta experiência chamou a atenção, não só pelo resultado de uma boa qualidade musical, mas pela profunda necessidade de uma abordagem que consiga ultrapassar o individualismo.

No espaço dedicado aos Movimentos, havia três relatores na mesa-redonda: Luciana Leone Martinez pelo Renovamento carismático; Pippo Molino, por Comunhão e Libertação e eu. Apresentei brevemente o papel da música no Movimento dos Focolares e a experiência do Gen Verde de fazer música para e com os jovens. De facto são eles que nos desafiam a escavar profundamente e a traduzir em música as nossas experiências de Evangelho vivido, para os ajudar a acender neles a luz da esperança. Escrevemos as nossas canções procurando sempre falar a linguagem dos jovens (também a musical), para poder chegar até aos seus corações.

Surgiram algumas perguntas polémicas entre os participantes, sobretudo sobre a música litúrgica. Mas, por outro lado, houve um grande apreço por parte de muitos. De facto, depois do encontro, o card. Ravasi escreveu: «Enriquecemos todos com este encontro: a arte musical, através

da sua beleza, exprime, de facto, um encontro com o mistério divino e a transcendência. A complementariedade dos relatores permitiu, ultrapassando até o horizonte mais estritamente litúrgico, abordar as várias questões e as suas implicações para que a Igreja possa revitalizar o seu contributo para o anúncio do Evangelho na contemporaneidade também através da música».

Num colóquio com Salvatore Martinez – presidente nacional do Renovamento Carismático, especialista em música sacra e compositor de trechos litúrgicos – desejei que houvesse uma maior colaboração entre nós. Uma necessidade também de «sair» juntos para ir, usando o «instrumento» da música, sobretudo ao encontro dos que não frequentam a Igreja.

Nancy Uelmen

From the inside outside



Está para sair o novo álbum, o

número 70, do Gen Verde.

É fruto do relacionamento com os jovens com que estiveram em muitos países do mundo. De os ouvir e participar nos seus medos e expectativas, nestes tempos tão confusos, da vontade de partilhar os motivos de uma esperança autêntica.

Quinze trechos em cinco línguas.

<http://www.genverde.it>



Os vinte anos do V diálogo

Criar massa crítica. Em diálogo, para uma cultura do mundo unido

Vinte anos depois da viagem de Chiara Lubich ao Brasil, durante a qual ela sentiu a urgência de um salto de qualidade no que diz respeito às obras económicas e políticas, "elevando-as a verdadeiras correntes culturais", fazemos o "ponto da situação", com Silvia Cataldi, atual coordenadora da rede Social-One e corresponsável das chamadas 'Inundações'.

Na história de Chiara Lubich, as inspirações do Espírito Santo foram sempre o resultado de uma experiência vital, que muitas vezes vem da atenção e do relacionamento com os outros. Foi o que aconteceu com as inundações. Já estavam presentes no «Paraíso de '49», mas tornam-se realidade, no seguimento de uma viagem de Chiara ao Brasil, em 1998. Ela sentiu a urgência de que as obras económicas e políticas do Movimento dessem "um salto de qualidade, tornando-se autênticas correntes culturais, capazes de provocar o nascimento de verdadeiras escolas de pensamento». A partir de então, Chiara deu início a 12 Inundações, que cobrem os vários campos do conhecimento científico e humano: economia, política, arte, sociologia, pedagogia, psicologia, desporto, arquitetura, medicina, direito, comunicação e ecologia.



O impulso de Chiara foi, portanto, uma ideia muito ambiciosa.

Acima de tudo profética. De facto, Chiara tinha consciência de que todos os empreendimentos deveriam estar apoiados numa mudança cultural. Assim, para que a revolução de amor e a corrida para o mundo unido penetre nos corações, deverá também chegar às mentes. Obviamente que, como Movimento- tal como o Papa diz - estamos no início. Mas também temos que reconhecer que se começam já a vislumbrar algumas mudanças, que nos dão esperança.



Podem-nos dar alguns exemplos do contributo que o Ideal está a dar à cultura?

Entre os vários que verificámos, menciono um contributo transversal. Um elemento de inovação cultural, para o qual o Ideal contribuiu, é o do "homem-mundo". Já nos anos 70, Chiara antevia os desafios da globalização, e propôs um conceito que, agora, graças ao trabalho das diferentes Inundações, se pode enunciar como conceito de identidade dialógica. Uma identidade que não faz da alteridade uma ameaça, mas um recurso. Esta premissa encontra cada vez mais lugar na reflexão académica e cultural, em diferentes setores, e é de grande importância e estímulo para a sociedade contemporânea.

Existem também muitos exemplos em setores específicos. Veja-se como o pensamento económico mudou nos últimos anos. Acredito que um contributo para essa mudança, pequeno, mas significativo, foi dado pela Economia de Comunhão e pela Economia Civil, que, juntamente com muitas outras escolas e experiências, evidenciaram a necessidade de repensar os modelos económicos existentes.

Isso diz-nos alguma coisa sobre a contribuição específica das inundações...

O trabalho que Chiara nos chamou a fazer é contribuir, ativamente,

para uma mudança cultural. Mas a mudança não vai acontecer apenas com o nosso contributo, mas sabendo interagir, cada vez mais, com os outros, em direção ao mundo unido. Foi precisamente por essa razão que Chiara considerou as Inundações como um dos cinco diálogos, porque estes têm a missão de dar uma vida nova às ideias, que expressam a cultura contemporânea, na perspectiva da unidade. Portanto, é fundamental trabalhar com os outros: na esfera cultural fala-se de criar "massa crítica", para difundir uma cultura do mundo unido, em resposta aos desafios da realidade contemporânea.

Quais são os desafios culturais que atualmente mais vos ocupam, do ponto de vista das inundações?

O Papa fala da «contracultura do desperdício». Muitas das nossas iniciativas, nos últimos anos, estão focadas na emancipação social das periferias e dos últimos. Para dar alguns exemplos: a HabitAndando, promovido pela inundação da arquitetura, em áreas afetadas por desastres naturais; a EdC, que

Página da frente: o manifesto do evento *Prophetic Economy* (2-4 novembro de 2018).

Ao lado: Workshop *HabitAndando*, Colômbia outubro de 2017



As Inundações

Segue-se uma lista das Inundações existentes e os respetivos coordenadores e site



Comunhão e Direito
www.comunionediritto.org
Adriana Cosseddu



Diálogo em Arquitetura
www.dialoghinarchitettura.org
Iole Parisi



Economia de Comunhão
www.edc-online.org
Luigino Bruni



EcoOne
www.ecoone.org
Luca Fiorani

EDU (Educação)
www.eduforunity.org
Teresa Boi



Health Dialogue Culture
www.healthdialogueculture.org
Flavia Caretta



Movimento político para a unidade
www.mppu.org
Letizia De Torre



NetOne
www.net-one.org
Stefania Tanesini



Psicologia e Comunhão
www.psy-com.org
Simona Magari



Social-One
www.social-one.org
Silvia Cataldi



Sportmeet
www.sportmeet.org
Paolo Cipolli



Clarté
www.clarte.org
Paolo Vergari

envolve crianças; a medicina, que se concentra no "fim da vida". Depois, há o compromisso sobre o tema da paz e do desarmamento, realizado na esfera jornalística e civil. Neste, é significativa a experiência na Colômbia, "Dar o Primeiro Passo", promovida pelo Movimento político para a unidade, depois do referendo sobre o acordo de paz entre o governo e as FARC.

O que é que se aprendeu durante estes vinte anos?

Entretanto, pensamos que aprendemos o método. As próximas iniciativas de «Prophetic Economy» (2-4 novembro de 2018) e de «Co-Governance» (17-20 janeiro de 2019) estão construídas na ótica de se «criar rede», segundo uma lógica participativa com diferentes interlocutores, membros da Obra, mas sobretudo pessoas que não pertencem à Obra: outros Movimentos, Escolas de pensamento e Organizações, que trabalham para uma sociedade mais humana, pacífica, equa e de intercâmbio.

Quais são as perspetivas para o próximo futuro?

O desafio ecológico, económico, social e político, a nível global, requerem um novo *engagement* de todas as disciplinas e de todos os setores. O que se evidencia de maneira muito forte, é a necessidade de um tipo de conhecimento que não permaneça neutro nem passivo, mas esteja sempre ao serviço dos homens e das mulheres de hoje, e da proteção da natureza. Para isso, torna-se necessário saber renunciar a uma tendência homologatória, para que o mundo unido, do qual Chiara fala, seja cada vez mais "pluri-versal", ou seja, não uniforme, mas variado e, contudo, convergente.

Ao cuidado da redação

Focolares temporários 2018 | Médio Oriente e África

Tesouros de reciprocidade Colheita abundante

«Semear», «sair»...: são as coordenadas do projeto dos focolares temporários, que também este ano se formaram em diferentes áreas do mundo

É impossível quantificá-los, tendo em conta as alterações das várias composições nos territórios em curso, na Obra. Chegou-nos a notícia de uns vinte. Os focolares temporários (FT) são compostos por pessoas de várias idades, origens e vocações, que ofereceram a sua disponibilidade para ir onde fosse preciso. Como é que correu? Podemos dizer que se confirma, mais uma vez, que é uma experiência de reciprocidade, na qual não se sabe quem dá mais ou quem recebe mais: se foram as pessoas que se deslocaram, ou as dos lugares visitados. Uma "colheita" abundante, à qual damos espaço, começando nesta edição, com alguns dos FTs que se constituíram maioritariamente no verão, no Médio Oriente e em África.



Egito «O ideal também chegou às aldeias mais pobres do Egito - escreveu Daniele, voluntário de Milão. Tive a oportunidade de oferecer a minha profissão de nutricionista num pequeno hospital. Tentando compreender as dificuldades dos pacientes: económica, cultural, de saúde, vi que a terapia certa não é suficiente, é preciso um encontro real com o outro, no que ele necessita. A sugestão de uma pessoa, que participava no focolar temporário, fez-me ver a atitude que deveria ter. Ela falou do sacramento da presença: estar ali com amor e por amor, estar simplesmente, sem compreender a língua. Pensava que ia amar levando Deus, levando o que eu tinha para os outros. Recebi muito mais do que dei».

"O medo de participar na experiência de focolar temporário, deixando a zona de conforto, do que parece estar certo nesta idade, 20 anos - diz Stefano, gen2 de Milão, - assusta sempre. Mas é preciso aprender a lançar-se com um pouco de loucura e muita fé. Regressa-se sempre mais rico em vida, alegria, sorrisos, recebidos em quantidades indescritíveis, mais amantes do Evangelho e um ideal que



Sul do Sudão

ultrapassa as barreiras linguísticas e culturais. Foram experiências muito fortes, reais e muitas vezes cruéis, que obrigam a refletir e rasgam o consumismo objetivo de quem nós, europeus, somos escravos: como pode uma criança chorar porque não tem o brinquedo novo e, do outro lado do mar, uma criança da mesma idade, para ser feliz, basta-lhe alguns jogos construídos com cordel? Ou uma "menina com lúpus", de apenas nove anos, estar sorridente a tomar conta do seu irmãozinho, apesar da sua doença grave? Uma experiência que eu recomendo a quem se quiser envolver, ampliar os horizontes, ultrapassando os preconceitos comuns, a quem quiser investir o seu tempo e a sua energia no amor recíproco: o investimento mais rentável que pode existir". Éramos dez pessoas neste FT - focolarinos, focolarinas, focolarinos casados, voluntários, voluntárias e um Gen - e, com a comunidade local do Cairo, sustentaram uma "jovem" Mariápolis de 460 pessoas.

Sul do Sudão "Sentimos que se reacendia em nós o entusiasmo de levar o Ideal aonde ainda não chegou, como nos primeiros tempos - escreveu o Ernst (Nairobi), Alois (Monaco), Ana, Legesse e Stefano (Kampala). O FT tirou-nos da nossa rotina confortável, fazendo-nos encontrar novos rostos de

Jesus Abandonado para amar, e tudo isso fez-nos muito bem. Segundo o projeto Sports4Peace, estivemos envolvidos nos workshops de duas escolas do 1º ciclo, da diocese, trabalhando com cerca de cinquenta professores e 300 crianças. Apresentámos a espiritualidade da unidade em várias paróquias, assim como o "dado do amor"

aos jovens, adolescentes e crianças, indo a três aldeias a cerca de 75 quilómetros, com uma viagem de dez horas, dadas as condições desastrosas da estrada. No fim, uma reunião no seminário maior de Juba.

Nove encontros de "sementeira", com mais de 800 presenças. Parece que "esta" cultura de unidade é o que este povo realmente espera, depois de décadas de guerra. Lá, a mensagem "Eram os tempos de guerra..." soa de modo ativo e potente. foram muitas as perguntas sobre como amar o inimigo, num contexto onde a vingança é um valor cultural e um dever moral".

Dubai "A Emmaus esteve presente no primeiro dia, através de uma sua mensagem: "Que Jesus, sempre presente entre vocês, seja o que de melhor têm para dar a todos os que encontrarem." Cada momento do dia foi a oportunidade perfeita para construir o "abrigo temporário de Jesus no meio". A torre do Burj Khalifa, que se ergue majestosamente acima de uma selva de cimento, é o símbolo do ter

Dubai



que se estar sempre "over the top" (acima do nível mais alto). O "pequeno rebanho" de Chiara não é diferente das pessoas que vieram para o Dubai à procura de estabilidade, para si e para as suas famílias. No entanto, a experiência é muitas vezes marcada pela discriminação, pelo medo de perder o trabalho, pelo custo de vida elevado, pelo futuro incerto. Em cada um, contudo, há um tesouro guardado no coração: o "sim" dito a Deus, como o ideal da própria vida. A unidade vivida é a certeza, entre os muitos desafios diários. É o que realmente os faz viver "over the top"! Ouvindo as suas histórias, nota-se uma força que os distingue e os torna capazes de mudar, no local de trabalho e



Em Bulawayo, a comunidade preparou uma digressão pelas várias paróquias. Todas as manhãs, colocávamos nas mochilas o que poderia ser útil... e partíamos! Falámos do Ideal da unidade a mais de mil pessoas, falámos da "arte de amar", contando as nossas experiências. Muitas crianças e jovens. Na segunda semana, fomos para uma Missão (um colégio fundado pelos jesuítas, há 130 anos) e daí partimos para estar, durante dois dias, numa aldeia perdida, onde há um grupo da Palavra da Vida, traduzida em ndebele, a língua local, que surgiu através de uma senhora que nos conheceu em 1991. Foi comovedor ouvir as experiências. Num ambiente paupérrimo, sem eletricidade, onde se cozinhava em cima do fogo, no chão, mas tudo com uma grande dignidade. Eram muito grandes a alegria e a honra de nos receberem! Pessoas simples com uma fé profunda, pureza de coração e sede do Ideal. Foi o único lugar onde também pudemos falar sobre o tema do ano: Maria. Era um terreno preparado por Ela. Ali, sentimos de uma maneira muito forte a universalidade do carisma. " Três focolarinas neste FT: de Loppiano , a Cielito, portuguesa; a Fiamma, suíça, e a Birgit, alemã, na Zâmbia.



nos relacionamentos. Os 70 participantes da Mariápolis eram de 11 nacionalidades. Vimos a concretização do "ser uma família" deixado por Chiara, mesmo no meio do deserto "- assim escreveu Roma, Murad, Susanne, Fadia e Alessandro, dos focolares da Síria, Jordânia e Filipinas.

Zimbabwe «Abre o coração, a mente e a alma para as necessidades da humanidade e encontrarás, em ti, uma fé ainda maior no carisma - escreveu a Cielito -. O Zimbabwe é um país maioritariamente cristão.



Síria «Éramos 13 (além das e dos focolarinas/os da Síria, Paulo e Lucía Crepaz, com a sua filha Maria Stella; duas focolarinas: a Sylvia, polaca e no focolar em Inglaterra, a Patrícia, portuguesa, na Escócia e o Marco do Centro Zona de Amã). Como os 12 apóstolos, com Jesus, pelas ruas de Homs. Muito forte o impacto com estas pessoas sempre prontas a levantar-se dos escombros, apesar das teríveis dificuldades da vida. Muitos tiveram que abandonar as cidades e permaneceu um pequeno grupo, fiel, mas cansado e algo desanimado. O Centro dos Jesuítas, onde comíamos juntos, tornou-se a casa de todos. Havia sempre um prato pronto, para quem chegava "como se fosse a casa de familiares muito queridos, por onde não se pode deixar de passar". E a comunhão era espontânea, com gratidão pelas dádivas reciprocamente recebidas e a alegria, muita alegria.

Na Mariápolis, a uma hora de Damasco, estavam presentes 300 pessoas de todo o país, metade eram jovens. Foi significativa a visita do Núncio Apostólico, o Cardeal Mario Zenari. As suas respostas sinceras às perguntas sobre o sofrimento, a imigração, a unidade dos cristãos, mostrou a força e a



beleza dos sírios, encorajando-os a "sair para as periferias com o pensamento, coração e mãos, para restaurar a esperança."

Alguns de nós, ao partir, escreveram no aeroporto: "Eu já sinto muito a vossa falta. Deram-me a oportunidade de viver uma das experiências mais fortes e surpreendentes da minha vida! Deram-me tudo e eu não pude não deixar uma parte do meu coração aqui, convosco! Irei voltar!".

Senegal "Em Dakar estávamos três focolarinos (Paul, de Montet, Donato, da Noruega, Pascal, de Bobo-Dioulasso) e três gen de Bobo-D. (Désiré, Jacques e Oumar, muçulmano), para nos encontrarmos com as comunidades seguidas pela Ir. Maria Agostine Ndione, franciscana dos pobres, que possibilitou este focolar temporário.

Désiré e Jacques, com um grupo de jovens, juntamente com uma Gen do Burquina Faso, passaram 12 dias em Kuram, na fronteira com a Gâmbia, para uma conferência sobre ecologia. Importante para nós, focolarinos, foi o encontro com um jovem casal



(Yves e Anna Cassien) - que tinha solicitado uma presença dos Focolares em Dakar - e com a Sophie que, com o seu marido, o Eric, e os cinco filhos, se ocupam das famílias em Dakar.

Conhecemos um pequeno grupo de nossos em Thiès, onde o bispo André Gueye nos estimulou a continuar o relacionamento com os muçulmanos e a apresentar o Movimento, convidando-os para a Mariápolis. Com a Ir. Agostine, fomos falar com o presidente da Câmara, um jovem muçulmano, que quer que continuemos a formar as pessoas para um diálogo sincero, para o bem de todos.

Um bom grupo de seminaristas nige-



rianos veio ao focolar. A Lily, uma senhora alemã de Humanidade Nova, também esteve conosco, e fundou uma ONG para proteger a floresta. Com ela, trabalha um jovem muçulmano que participou no Genfest, em Manila. Estiveram na conferência sobre ecologia em Kuram, onde a contribuição de nossos gens foi particularmente incisivo.

O resultado desta experiência no Senegal, a Mariápolis no pequeno seminário Ngazobil, a sul de Dakar, com 94 pessoas, incluindo 25 do Senegal, 43 do Burquina Faso, 26 do Mali, 2 da Europa.

Níger "Éramos cinco: duas focolarinas (Aurora, do Buquiina Faso, e Miriam, do Brasil, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo), e três Gen2 (Stella, Bénédicte, Marie-Louise, todas do Burquina Faso). Fomos a Niamey, onde há uma comunidade que está a renas-



cer, graças à transferência, por motivos trabalho, de um casal de voluntários. Pudemos dedicar-nos à formação dos gen4, gen3 e gen2, até mesmo com uma reunião para os seus amigos. Muitos vieram pela primeira vez, entre eles um jovem muçulmano. Na catedral apinhada, foi possível contar a história do Ideal com as nossas experiências da Palavra. O arcebispo Laurent Lompo encorajou-nos a levar o carisma da unidade à sua diocese, especialmente aos jovens.

Havia sempre alguém que passava pelo focolar e a providência nunca faltava. Mesmo com os vizinhos, todos muçulmanos, estabeleceu-se uma relação de respeito e ajuda mútua. É um facto significativo, dado que os muçulmanos são 98% da população e não há uma grande abertura relativamente aos cristãos. No momento da despedida, a comunidade assegurou-nos que vai continuar a fomentar "a chama".

Ao cuidado de Gianna Sibelli

Arnaldo Diana

«Estamos todos ligados, para sempre, a Deus»



«Sei que Jesus vive, com muita alegria, em ti, e que assim seja para sempre. Mas lembra-te que escolhes-te um Deus crucificado, abandonado por todos. Liga-te só a Ele». O Arnaldo recebeu este bilhete de Chiara Lubich quando tinha 21 anos. Tinha-a conhecido quatro anos antes, quando Chiara foi a Sassari, cidade natal de Arnaldo, para se encontrar com a sua tia Gesuina, uma das primeiras pessoas da Sardenha que seguiu a espiritualidade da unidade. Entretanto, também ele tinha decidido viver a vida evangélica que Chiara propunha e ele guardou aquele bilhetezinho, lembrança tangível da sua escolha, sempre na sua carteira.

Depois da licenciatura em Direito, o Arnaldo entrou no Focolar, em Turim, onde encontrou trabalho num escritório de advogados. Algum tempo depois, mudou-se para Roma. Não foi fácil para ele conjugar os compromissos do focolar com os da profissão, por isso, um dia, sem dizer nada a ninguém, resolveu apanhar o barco e voltar para casa. «Toda a noite - contou ele próprio - revi a minha vida no focolar, e cheguei à conclusão de que não podia abandonar aquelas (naquela altura) poucas pessoas que tinham descoberto Deus-Amor e o amor maior que é Jesus Abandonado. Com muita humildade, mandei um telegrama a dizer que voltaria com o mesmo barco. A partir dali já não tive mais dúvidas, nenhum problema, tornei-me imune a qualquer hesitação».

Esteve no focolar na Sicília e depois, durante um longo período, com outros dos primeiros focolarinos, esteve em várias cidades da Alemanha, onde deu um forte contributo à Editora Neue Stadt (Cidade Nova). Também

construiu relacionamentos consistentes com irmãos e irmãs de várias Igrejas.

A sua profundidade espiritual também se manifestou diante de uma possível doença grave: «Aceitei, diante de Deus, morrer lentamente, com muitas inter-

venções cirúrgicas e radiações, afastado da vida ativa da Obra. Quando, depois da operação, o diagnóstico se revelou benigno, senti nostalgia daqueles dias maravilhosos, passados à espera de iniciar a minha marcha veloz de aproximação de Deus». Retomou a sua «corrida» com entusiasmo: «Simplifiquei toda a minha vida espiritual, procurando reviver Maria Desolada. Na minha alma não existe outra realidade a não ser esta, mesmo nos momentos mais normais da vida. Todas as vezes que procuro dá-la a conhecer, assisto a uma transformação nas pessoas e nas situações. Um milagre contínuo». Tratava cada relacionamento com delicadeza, porque, afirmava, «já não posso amar os outros como antes. Surpreendo-me a ser para todos aquele amor que, simultaneamente, é e não é, enamorado do "céu" do outro».

Nos primeiros anos da década de '80, fez parte do Centro dos focolarinos. E, depois de um último período na Alemanha, voltou para o Centro do Movimento para seguir o ramo dos voluntários e, juntamente com Claretta Dal Ri, o Centro para o Diálogo com pessoas de convicção não religiosa. Graças aos seus talentos e à sua vasta cultura, conseguiu realçar o bem que flui da dignidade de cada pessoa, seguindo "a obra atenciosa do Espírito Santo no amadurecimento das consciências».

Em 2008, foi eleito conselheiro geral, assumindo o importante cargo de Delegado Central. Em 2011, devido ao agravamento da saúde, entrou numa fase ainda mais enraizada no Essencial. Com uma alternância de períodos mais ou menos difíceis, vivia numa contínua doação de si, manifestada em gestos de gratidão, sinceridade e simplicidade. De acordo

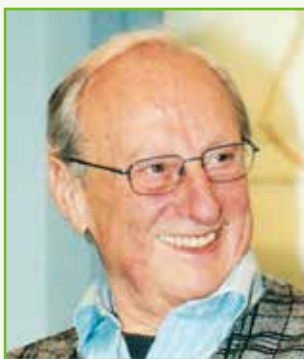
com as suas possibilidades, manteve vivo até ao fim o amor pelos amigos de convicções não religiosas e o afeto pelos seus familiares.

No dia 29 de agosto, com 86 anos de idade, partiu para a Casa do Pai. Foi muito emocionante um excerto de um seu discurso de 2009, transmitido por vídeo, no seu funeral: «Nós estamos todos ligados para sempre, todos juntos, a Deus, a Jesus Abandonado, a Jesus no meio, ao Espírito de Deus, que é o próprio Deus. Se dissermos sim, Eles dizem sim, e este sim da Trindade não acaba, nem sequer quando morrermos. Continua para sempre, por toda a eternidade e, por isso, se nos lembrarmos que somos fracos, que a situação é difícil, etc., recordemo-nos que existe Deus que nos vai amar para sempre, mesmo nas coisas mais difíceis, e que nós estamos ligados, para sempre, a este Deus eterno».

Giuseppe (Clari) Santanché

Pioneiro na Europa de Leste

O Giuseppe nasceu em Ascoli Piceno, sendo o segundo de onze filhos. Quando o mais novo tinha apenas dois anos, a mãe faleceu e o pai - general do exército - teve de passar a cuidar da família sozinho. Outro duro golpe foi o início da segunda guerra mundial: o Giuseppe teve de interromper os estudos, que só voltou a retomar, inscrevendo-se em Medicina, quando a guerra terminou. Foram anos de refundação da Itália e, com o irmão, o Egidio (Soave) - que também se tornou focolarino, tal como outras duas das suas irmãs: a Adeli e a Anna Maria (Ciaccio) - assumiu um empenho político. Foi precisamente o Soave que, entretanto, se tinha mudado para Roma, que lhe falou do Focolar. O Giuseppe foi, assim, conhecer os focolarinos: «Foi uma inversão de pontos de vista - contava



ele próprio -, mas a visão de Deus como amor e o próximo como "outro eu" não era nova. Novo era o esforço de aprender a traduzi-la na vida de todos os dias».

No hospital, onde era médico, queria experimentar viver como eles e, cada vez mais atraído por Deus, pediu a Chiara para entrar no focolar. Ela respondeu-lhe com franqueza: «Não fomos ainda aprovados pela Igreja e eu vivo com a mala sempre pronta. Se quiseres, vem para o focolar e aprende a viver também tu com a mala sempre pronta». Depois de ter estado em Florença, em Trento e em Roma, em 1961 - com a Natalia Dallapiccola, a primeira companheira de Chiara, e com outros focolarinos e focolarinas - foi para a Alemanha de leste. Alguns meses depois, foi construído o muro de Berlim. Devido às altas qualificações profissionais deles, com o consentimento do Estado,

puderam ficar. No hospital de Leipzig, o Clari (nome que Chiara lhe tinha dado: Claritas = Luz) dava aulas de Anestesia aos jovens que estavam a fazer a "especialidade". A espiritualidade da unidade entrou em vários locais do então Bloco Soviético: desde a Polónia à Hungria, à Checoslováquia, depois à URSS, até à Sibéria e à Mongólia. A STASI (Polícia

Secreta da então RDA) controlava o trabalho deles e, quando em 1992, foram tornados públicos os arquivos, pôde constatar-se a admiração da Polícia Secreta «por estes cristãos, que se distinguem pela gentileza, pelo otimismo, pela confiança e pela misericórdia».

Muitos se referiram à personalidade forte e exigente do Clari, assim como à sua radicalidade, ao mesmo tempo que tinha uma grande capacidade de abranger toda a realidade em que se encontrou a viver. Jesus Eucaristia iluminava a sua vida. Em 1976, escreveu: «É vertiginoso constatar a ação esmagadora de Deus através da Eucaristia: tornar-se Deus em Deus. A

Eucaristia pode entrar, concretamente, nas nossas veias e no coração do mundo, para o reconstruir e o levar à Trindade».

Com o avançar da idade e o agravamento progressivo da saúde, mudou-se para a Mariápolis Romana. A imagem da «mala sempre pronta», profética para a particularidade da sua vida de focolarino, feita de radicalidade, de fidelidade a Deus, de coragem e fantasia na transmissão da luz do Carisma, acompanhou-o até ao fim. No dia 21 de setembro, com 93 anos de idade, ajudado pelos focolarinos que estavam presentes, assim como a Adeli e a Ciaccio, o Clari partiu para a Mariápolis Celeste.



Simone Marie Geymond

«Não quero perder tempo... quero tornar-me santa»

Focolarina francesa da Mariápolis Romana, a Simone deixou este mundo no dia 7 de julho, com 80 anos de vida. Na sua casa, a religião não tinha lugar. Mas quando, na escola, ouviu falar de Deus, ficou atraída por Ele e quis fazer a primeira comunhão. Nos anos em que frequentava o Liceu, alguém lhe falou do Movimento e participou na Mariápolis de Fiera di Primiero: ficou tão impressionada que quis entrar em focolar. Mas, como dizer à mãe que iria ficar sozinha? Pôs-se de acordo com a amiga, Rose Tizzano (ver perfil na Mariápolis 7-8/2018) e pediu ajuda ao Espírito Santo. Conseguiu a licença da mãe e, pouco tempo depois, a mãe, não só encontrou um bom trabalho, mas também lhe foi reconhecida a pensão de viúva de guerra.

Em 1958, a Simone iniciou a sua vida de focolar em Bolzano, depois foi para Roma e para Grottaferrata. Esteve ainda na Bélgica e na Holanda e, desde 1970, no Centro do Movimento: durante alguns anos esteve na casa de Chiara Lubich, mais tarde na sua secretária e era responsável pela secção de traduções. Chiara escolheu para ela uma passagem da Escritura: «Não conheço senão Cristo

e este crucificado» (1Cor 2,2), que ela recebeu como uma luz constante para a sua vida. Ela própria confiou: «Senti que Jesus me pedia para começar uma vida nova, na qual Ele, Abandonado, seja verdadeiramente o Tudo e Maria Desolada seja a minha Mãe. Sei que vai ser uma luta, mas, com a graça de Deus e com a ajuda de Maria, quero concretizá-la» (1971). «Não quero perder tempo... Quero tornar-me santa» (4.12.75).

Ultimamente, apesar das limitações de saúde, a Simone participava em tudo, estando aberta às novidades da tecnologia, que utilizava para manter, com o seu *humor* contagioso, uma ampla gama de relacionamentos. Em novembro de 2017, quando a doença se agravou, escreveu: «O Esposo veio visitar-me em grande estilo, vestido de núpcias. Estou em paz, na alegria. Sinto-me envolvida por uma atmosfera sagrada. Quando Jesus me chamar, quero que a minha seja uma morte de amor». No seu funeral havia flores brancas, ambiente de festa e muita gratidão pela sua generosa resposta ao chamamento de Deus e pelo seu repetido «Sim» a Jesus Abandonado, até ao fim.



Carlos Puga

«O Senhor está próximo» (Fil.4,5)

Focolarino espanhol de Vigo, o mais novo de quatro irmãos, o Carlos era um rapaz de bom caráter, muito vivo e reservado: características que manteve toda a vida. Aos 22 anos, iniciou a sua vida gen e tornou-se um perito no amor ao próximo, conquistando o coração de muita gente, especialmente de muitas crianças, que acompanhou como assistente gen4. A sua paixão de viver com Jesus no meio, levou-o a aprofundar a vocação do focolar e, aos 29 anos, tomou a decisão: «quero dar a minha vida a Jesus» e foi para a escola de Loppiano, para que, escreveu, «Jesus faça de mim uma escultura à Sua imagem». Da Cidadela, escreveu a Chiara: «Aprofundar a minha relação com Jesus Abandonado, foi como

Irena Kellöová

Foi um grande apoio para a Igreja, durante a perseguição

Uma das primeiras focolarinas casadas da Eslováquia, a Irenka - como toda a gente a chamava - era filha de um sacerdote da Igreja greco-católica (nas Igrejas de rito bizantino, homens casados podem ser ordenados sacerdotes). Casou-se muito nova com o Jozef, também ele sacerdote.



encontrar-me diante d'Ele sem nada, livre para O amar a cada momento».

O Carlos ficou em Loppiano durante dez anos, a trabalhar na carpintaria. Durante dois anos cuidou de um focolarino doente de esclerose múltipla, partilhando com ele a última etapa da Santa Viagem. De volta a Espanha, esteve nos focolares de várias cidades, em contacto com várias comunidades, que ainda recordam o seu amor concreto.

Há dois anos, sofreu um AVC que o limitou também na capacidade de comunicar. Começou uma cadeia de amor entre os membros do Movimento de Barcelona que, à vez, durante meses, tratavam dele durante todo o dia. Depois, veio para um centro especializado de Madrid, para tentar uma reabilitação intensiva. O seu estado de saúde melhorou, de modo a poder mudar-se para uma residência próxima da Cidadela Castelo Exterior, onde foi carinhosamente seguido.

Não foi fácil para o Carlos aceitar estar assim dependente dos outros mas, com docilidade, aceitou amar deixando-se amar. Como não podia falar, fazia-o com o olhar, o sorriso e a atenção. Os seus olhos transmitiam pureza e transparência. Com o passar do tempo, manifestou o desejo de voltar para o focolar, coisa que, para sua grande alegria, se concretizou. Poucos dias depois, no dia 5 de agosto, inesperadamente, piorou e foi chamado ao Céu, aos 69 anos de idade.

Na Eslováquia, em 1949, iniciou-se uma grande perseguição, especialmente contra esta Igreja. A Irenka demonstrou uma grande coragem, quer apoiando o marido na fidelidade à Igreja deles, quer na conseqüente deportação para a Morávia (República Checa), de toda a família, com seis filhos, o mais novo com apenas três semanas. Passaram lá doze anos, em

condições de vida muito duras. E quando, finalmente, conseguiram voltar a Košice, na Eslováquia, três anos depois, o Jozef faleceu de modo trágico. Tendo ficado sozinha com apenas 38 anos, a Irenka escreveu ao Padre Pio, hoje santo, para lhe pedir conselho sobre como ajudar os filhos a manter a fé. «Continue a viver do melhor modo possível a vida cristã - respondeu-lhe numa carta escrita à mão - e eu me ocuparei dos seus filhos».

Algum tempo depois, a Irenka conheceu os Focolares. Participou numa Mariápolis, e, na escola de Natalia Dallapiccola, primeira companheira de Chiara, começou uma aventura que marcou a sua vida e a da sua família. Escreveu: «Agradeço a Chiara que me deu a conhecer o amor a Jesus Abandonado. Sem Ele não teria conseguido». Nos anos setenta, participou, com os focolarinos e as focolarinas, nas primeiras viagens à Ucrânia e quando, a partir dali, era já possível entrar na Eslováquia, o seu apartamento, em Košice, estava à disposição dos Focolares, dia e noite, apesar dos riscos motivados pelo regime daquela altura. Duas das suas filhas - Bernadeta e Maruška (mãe do Cyril, atualmente no centro dos sacerdotes focolarinos) - tornaram-se focolarinas casadas. Com um grande coração, a Irenka construiu relacionamentos profundos, oferecendo tudo e rezando por todas as situações que ia conhecendo.

Concluiu a sua Santa Viagem, com 90 anos, no dia 5 de julho, festa dos Santos Cirilo e Metódio, apóstolos dos povos eslavos. No funeral, veio em relevo a sua vida plena, rica e realizada, gasta por amor a Deus e aos irmãos. Os muitos sacerdotes presentes exprimiram a gratidão por esta «mulher forte, leiga como Maria que, em especial nos tempos da perseguição, foi de grande apoio para a Igreja».

Pietro Iasevoli

*«Fazer de tudo
para me tornar santo»*

Da região de Nápoles, depois da morte do pai, quando tinha apenas 22 anos, o Pietro passou a tomar conta da família, tendo feito isso até ao fim. Casou-se com a Lena e, durante a viagem de núpcias, sem saber exatamente do que se tratava, participaram numa Mariápolis. Para o Pietro foi uma «fulguração, a descoberta de Deus Amor», contou isso mais tarde. «Esforçando-me por permanecer no raio da Sua vontade, pouco a pouco, vi a minha vida transformar-se: mudava o meu modo de ver, de agir e de pensar. Ao meu redor começou uma pequena revolução de amor. Quanto mais amava Jesus no irmão, na Eucaristia, na oração, mais sentia crescer dentro de mim a sede d'Ele». Aprofundando a espiritualidade da unidade, sentiu a vocação de focolarino casado e, da Escola de Formação, escreveu a Chiara Lubich: «Deus-Amor dilatou o meu pequeno coração sobre toda a humanidade. Com o meu "sim" liguei-me, conscientemente e para sempre, a Ele e agora pertenço só a Deus. Consumir-me na unidade, com a ajuda de Maria, só isso me importa». Chiara, encorajando-o neste percurso de vida, propôs-lhe uma frase do Evangelho: «Quem me ama será amado pelo meu Pai e também eu o amarei e me manifestarei a ele» (Jo 13,21).

Com a Lena, também ela uma voluntária da Obra, acompanharam o crescimento dos quatro filhos com amor e, quer em Famílias Novas, quer na Diocese, tornaram-se ponto de referência para muitas famílias. Pessoa autêntica e aberta, na fábrica onde trabalhava e em todas as circunstâncias, o Pietro colocava-se sempre no último lugar, sem contudo descuidar o anúncio do Evangelho, partilhando com simplicidade as suas experiências sobre a vida da Palavra.



Em setembro de 2017, manifestou-se a doença. Consciente da sua gravidade, viveu a sua progressão dizendo um contínuo «por Ti» a Jesus Abandonado. Apesar das poucas forças, no dia 10 de maio, conseguiu ir a Loppiano, por ocasião da visita do Papa Francisco. No dia 29 de Julho,

com 69 anos de idade, voou para o Céu, testemunhando com a vida tudo quanto, desde 1981, tinha prometido a si próprio: «Fazer de tudo para me fazer santo, escolhendo Jesus Abandonado sempre, imediatamente e com alegria».

Ray Murphy

*Um dos primeiros focolarinos
casados de Melbourne*

O Ray tinha 37 anos quando, com a mulher, a Maria, participou, na Austrália, na sua primeira Mariápolis. No ano seguinte, no Centro Internacional do Movimento, encontrou por acaso Iginio Giordani e, fascinado pela sua figura, sentiu o chamamento para seguir Deus, como focolarino casado. Desenvolveu uma profunda relação com Deus, que o levou a um amor cada vez mais visível para com os outros.

Testemunhou fortemente a sua escolha de vida. No liceu, onde dava aulas de Geografia, era muito estimado pelos colegas e pelos estudantes. Com a Maria, também ela focolarina, deu a conhecer o Movimento a muitas pessoas de Melbourne, que depois ambos seguiam fazendo encontros na sua casa. Durante quase 15 anos foram responsáveis de Famílias Novas, fazendo viagens para as várias regiões da Zona, até à Nova Zelândia. O amor pela Sabedoria impulsionava o Ray a construir a unidade entre as várias culturas. Conseguia tornar-se pequeno diante dos outros para aprender com eles, e a sua humildade era de grande ajuda para a inculturação do carisma



Mawin Cecilia Nonglak Zanardo (Ages)

*Tornar-se mãe
na escola de Maria*

Nascida na Tailândia, em 1966, a Ages (=amar Jesus sempre, o nome novo que Chiara lhe deu) era ainda adoléscente quando uma missionária lhe falou dos Focolares. Ficou muito impressionada e, quando foi para Banguecoque, para estudar enfermagem, empenhou-se em viver o Evangelho juntamente com outros jovens. Queria ser uma

de Chiara Lubich na sociedade australiana. Colaborava na transmissão das lições da UPM aos membros da Obra.

Tinha uma intensa vida de focolar, como evidencia uma sua partilha: «A presença contínua de Jesus no meio - lembrando-nos todas as vezes a grande dádiva que somos uns para os outros - é uma verdadeira antecipação do reino de Deus. Isto ajuda-me a abraçar Jesus Abandonado e aumenta a minha compreensão de que Deus é Amor. Ele ama-me assim como sou, mesmo quando erro ou sinto que não estou à altura da minha vocação».

No dia 30 de dezembro de 2017, o Ray e a Maria festejaram, no retiro anual, o 50º aniversário do seu casamento: um momento alegre e solene, antes que ele tivesse de enfrentar os tratamentos por causa de uma doença grave. Quando parecia melhorar, mais uma intervenção cirúrgica precipitou a situação. O Ray, uma imagem concreta de Jesus Abandonado, ofereceu tudo pela Obra e, em muitas pessoas que se tinham afastado do Movimento, sensibilizadas pela sua fidelidade a Ele, reacendeu-se a chama do amor.

No dia 7 de agosto, numa paz profunda e, com a mulher ao seu lado, chegou à Mariápolis Celeste, aos 77 anos de idade.



gen autêntica e, alguns anos mais tarde, pediu para ir para Loppiano. Lá descobriu que tinha contraído uma infecção nos pulmões. Iniciaram-se os tratamentos no hospital e, depois, para restabelecer a saúde, voltou para a sua terra. Mas a Ages tinha sempre a pergunta no

coração; «Que lugar pensou Deus para mim?» Algum tempo depois conheceu o Gianni, um italiano que trabalhava na Tailândia. Casaram-se e mudaram-se para a Itália. Começaram a frequentar Famílias Novas e na Ages amadureceu a vocação de focolarina casada (focolar de Pádua). Ofereceu-se, assim, a Deus, pondo a frutificar os seus talentos de acolhimento, sensibilidade e profundidade.

Em janeiro de 2017, surgiu uma outra doença séria, à qual a Ages repete o seu "Sim" numa fidelidade heróica a Jesus Abandonado, que a leva constantemente a amar os irmãos. Escreveu ao seu focolar: «A situação não permite que pare nos meus pensamentos, sei que não tenho tempo a perder, rezo para que possa viver bem este período e transformá-lo em luz».

Apesar da intervenção cirúrgica e das várias terapias, a situação piorou. Ficou preocupada com o marido e como preparar as crianças. Muitas vezes voltava-lhe a pergunta: «porquê?». A resposta encontrava-a na graça do momento presente, confiando-se a Maria, como sugeria a Palavra de Vida que Chiara lhe tinha dado: «Eis a tua Mãe» (Jo. 19,27).

No dia 14 de agosto, com apenas 52 anos, a Ages levantou voo para Deus, rodeada pelo amor do marido, dos filhos Jacopo, de 12 anos, e Gaia de 10, e da família da Obra. No funeral, o pároco salientou: «Chiara Lubich confiou à Ages não só um nome novo, mas também um programa de vida. Apraz-me pensar que ela tenha "entrado" na escola de Maria, para aprender o que significa tornar-se mãe».

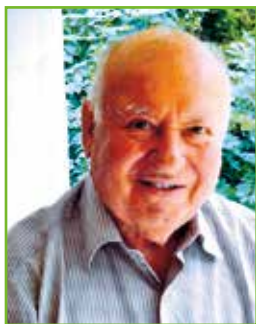
Primo Ricaldone

Um exemplo de santidade quotidiana

O Primo, focolarino casado da região de Turim, devido a uma doença repentina, no dia 28 de julho, com 90 anos, partiu para a Mariápolis Celeste. Tinha 23 anos quando conheceu os focolarinos. «A sua espiritualidade - contava ele - irradiava alegria, fraternidade, amor recíproco, características que eu não encontrava nos ambientes que eu frequentava, apesar de ter recebido uma educação cristã. A vida deles era totalmente evangélica, o que me fez compreender que, em cada pessoa, devo ver Jesus e, por isso, devo amá-la». Aproximava-se a Mariápolis de 1957. Nos poucos dias de férias que o Primo tinha, pensava ajudar a sua família nos trabalhos do campo, mas aceitou o convite. «Parti para Fiera di Primiero de comboio, fazendo a viagem de noite, desconfortável e sozinho, mas foram dias decisivos. Na igreja de Tonadico, diante da imagem de Maria, ao lado do altar, entreguei-me totalmente a Deus, decidido a percorrer a estrada que Ele tinha pensado para mim».

Aos 29 anos conheceu a Rina, com quem construiu uma família com fortes raízes evangélicas. Nasceram duas filhas: a Mariella e a Carla. O Primo foi um pioneiro no crescimento da Obra na sua zona: trabalhava bastante no focolar, seguia a campanha de assinaturas da *Città Nuova*, sendo sempre o primeiro no serviço concreto aos irmãos. O seu dia era preenchido por muitas «florzinhas», que partilhava com simplicidade e humildade.

Há seis anos, a Rina precedeu-o no Céu. Foi uma separação que o afetou profundamente. «Foi a maior dor da minha vida» - escreveu ele. Com confiança, pedi ajuda a Maria e Ela fez-me compreender que a minha vocação de focolarino podia ter um novo impulso: enraizar toda a minha vida no amor contínuo e total a Jesus Abandonado e a Maria Desolada». E assim aconteceu. Dedicou-se ainda mais à Obra, aos empenhos na paróquia, aos



doentes e a quem tinha necessidade, no desejo de uma constante sintonia com Deus: «Redescobri-Lo em todos os lugares e em todas as ocasiões é o que me proponho fazer, cada vez mais conscientemente. Lembrar-me de fazer-nos santos juntos, enraizado na Sua vontade». Na lembrança de muita gente, o Primo era «uma criança do Evangelho», «alegre, simples e profundo», «um «exemplo daquela santidade diária de que fala o Papa Francisco».

Maria Dorn

Um rastro luminoso de amor puro

A Maria, austríaca de Linz, esforçou-se muito para ajudar a família com o seu salário de professora. Aos 36 anos, uma amiga ofereceu-lhe a revista Neue Stadt (Cidade Nova). «Eu estava - contava ela - desde há alguns anos à procura de Deus, da minha estrada. Esta revista fascinou-me tanto que a li, sem parar, do princípio ao fim. Eis, encontrei!» e decidiu entregar a sua vida a Deus. Dois anos mais tarde estava em Loppiano, e depois voltou para a Áustria, para o focolar onde desenvolveu várias tarefas, entre as quais a de manter os contactos com a então «cortina de ferro» onde, com coragem, levava as notícias da Obra. Atravessando as fronteiras, tornava-se amiga de todos os que encontrava e, com o seu grande coração, dava testemunho do amor de Deus. Seguiu os desenvolvimentos do Movimento Paroquial e mantinha contacto com as religiosas que queriam aprofundar a espiritualidade da Obra.

Dos seus escritos transparece uma relação estreita com a Virgem Maria. «No dia 15 de agosto, experimentei a sua presença de uma forma muito forte, apesar de a ter amado pouco. Com a sua ajuda, serei uma pedra viva para o nosso Santuário» (1986). «Pedi a Maria a dádiva de ser, para o focolar, uma outra Ela. Compreendi que não basta a conversão de uma pessoa, mas é necessária a conversão coletiva. Compreendi esta responsabilidade pelos outros de um modo completamente novo».



Enfrentou a velhice serenamente e com sabedoria. «Não contam os anos (84!), mas fixar-me sempre no amor. No outro dia, no metropolitano, um senhor, de repente, disse-me: "Dos seus olhos irradia qualquer coisa: alegria!" Eu quase não o tinha visto: talvez o tenha visto Jesus? Pareceu-me que estas minhas "viagens pela cidade" podem ser aquele "deixar na multidão marcas de bordados de luz" de que Chiara falou».

Há um ano, a falta de saúde acentuou-se. A Maria abandonou-se ao amor de Deus e ao cuidado dos outros. «Estou convencida de que Deus me acompanha e me ama. Não tenho medo de morrer».

Rodeada pelas pessoas do seu focolar, adormeceu serenamente em Deus, no dia 29 de agosto, com 89 anos de idade. «Santidade e fidelidade», «Alma "enamorada pelo Amor": foram as notas recorrentes de todos os que a conheceram, agradecidos pelo seu rastro luminoso de amor puro que deixou atrás de si.

Pino Presburgo

Um gigante da vida cristã

No dia 11 de setembro, com 93 anos de idade, o Pino partiu para o Paraíso. Dele, alguém que o conhecia bem, dizia muitas vezes: «Na Sicília há dois vulcões. o Etna e o Pino Presburgo». Casado com a Ninetta e pai de cinco filhos, aos 33 anos, participou na Mariápolis de Fiera de Primiero, uma experiência forte que colocou asas na sua vida. O empenho em viver o Evangelho fez com que muitos dos seus talentos viessem em relevo - tocava bandolim e harmónica, escrevia poesia, pintava, tirava fotos maravilhosas - e transformou-o numa contínua dádiva de amor para quem passava ao seu lado. De um simples empregado em Valguarnera (cidade italiana da Sicília), tornou-se Diretor dos Correios. Sentiu a vocação de ser um focolarino casado. Em 1966, escreveu: «Abri totalmente a minha alma a Jesus e a Maria e também a S. José: serão eles a plasmá-la e a torná-la capaz de uma verdadeira doação à Obra, para os desígnios que Deus tem sobre o mundo». A fidelidade e a riqueza da sua personalidade ajudaram-no a realizar totalmente este seu desejo. Para

poder dar um maior contributo à vida do Movimento, mudou-se com a família para Palermo, onde se tornou um exemplo para muitas pessoas. O seu segredo era «sintonizar a alma em Deus e ter como modelo a figura de Maria Desolada».

Mesmo apesar do passar dos anos, o Pino não quis manter só para si a dádiva recebida e, de várias maneiras, difundiu as palavras do Evangelho: foi promotor da revista e dos livros de espiritualidade editados por Città Nuova, mantinha vivos os seus muitos contactos, escrevendo cartas com pensamentos espirituais, usava o telefone e o computador, transmitindo a muita gente fé e coragem na vida cristã. Ajudado por uma voluntária, escreveu um livro que contava a sua história, para deixar aos filhos e aos netos aquele Evangelho que o tinha fascinado e que, até ao fim, com a simplicidade e a espontaneidade de uma criança, quis traduzir em vida. O Pároco celebrou o funeral com paramentos brancos e mandou que os sinos tocassem de festa, porque, afirmou: «estamos a lidar com um gigante da vida cristã, da santidade vivida».



p. Joachim Lee

Participante apaixonado das alegrias e das dores da Igreja

No dia 9 de agosto, com 75 anos de idade, o P. Joachim deixou este mundo. Foi o primeiro sacerdote focolarino coreano. Fascinado pela vida do Evangelho, viveu constantemente pela unidade, oferecendo pelos sacerdotes, pela Igreja e pela humanidade os sofrimentos que a doença destes últimos anos lhe causou. Particularmente sensibilizado pelo tema de Chiara Lubich «A paixão pela Igreja», participava com muito interesse nas alegrias e nos sofrimentos da Igreja Universal e da Igreja do seu País. A seguir a uma



visita de Chiara à Coreia, escreveu: «Fomos muito confortados e foi-nos dada muita coragem para recomeçar a viver pela unidade».

«Toda a minha vida - escreveu noutra altura - tem de se transformar para conhecer Jesus Crucificado». Esta tomada de consciência tornou-se especialmente evidente no último período da sua Santa Viagem, que foi marcada por uma grande serenidade e também por momentos de felicidade. Foi isto, de facto, que veio em evidência na celebração eucarística, realizada no seu quarto, no dia 6 de agosto, festa da Transfiguração, depois de o P. Joachim ter tido a oportunidade de comungar com Jesus Eucaristia e com Jesus presente entre os irmãos. O funeral realizou-se no dia 11 de agosto, festa de Santa Clara, na Catedral de Daejon, presidida pelo Bispo D. Lazzaro You Heung-sik, com quem o P. Joachim tinha partilhado alguns períodos da sua vida.

p. Mattia Lee



Elvia Camacho Moyano

«Perdoa setenta vezes
sete» (Mt 18,21-22)

A Elvia, da Colômbia, que ficou viúva ainda muito jovem, com a sua alfaiataria conseguiu, sozinha, sustentar os cinco filhos. Conheceu o Ideal da unidade e descobriu em Jesus Abandonado o sentido do sofrimento. Na vocação de voluntária exprimi a sua grande potencialidade de mulher forte e totalitária. Com decisão e transparência pôs em comum os seus bens com a Obra, desejosa de dar a muita gente o tesouro que, através dela, encontrou.

Atenta para que ninguém lhe passasse ao lado em vão, com uma caridade aprimorada dava testemunho do amor de Deus e, como apóstola incansável, criou um grupo da Palavra de Vida, entusiasmando jovens, amigos, o pároco, seminaristas e catequistas. Era fiel à visita aos presos, que visitava

com amor, procurando dar resposta aos vários pedidos que lhe faziam. Entregava-se aos idosos e aos deficientes, para os quais, já doente, comprou os presentes de Natal. Era como uma irmã e uma mãe para toda a gente: «um anjo - testemunharam as suas companheiras de núcleo - que sabia oferecer com delicadeza o que alguém precisava, antes mesmo que lhe fosse pedido».

Até ao último momento continuou a tratar bem e com humorismo da sua casa, oferecendo os seus sofrimentos pelo «*Ut Omnes*», num diálogo permanente com Deus e com Maria.

A Elvia concluiu a sua Santa Viagem no dia 7 de abril, com 85 anos de idade.

Mariela Hernandez Gonzales

Maddalena Ferigo Possamai

Sempre pronta e disponível

Empenhada paroquial da região de Milão, nos anos '80, a Maddalena conheceu o Ideal da unidade, ao qual aderiu com entusiasmo. Apesar da doença do marido, estava sempre pronta e disponível. Comprometeu-se a cuidar da capela-mor e da sacristia da igreja e visitava as pessoas idosas e necessitadas, acompanhando-as às consultas médicas e levando para sua casa a roupa delas para lavar. Colaborava, sempre em primeiro lugar, na preparação das refeições destinadas à angariação de fundos para a paróquia. Punha sempre à disposição das pessoas necessitadas a sua casinha na montanha, para que pudessem passar alguns dias de férias.

A partir de setembro de 2017 começou a não estar bem. O diagnóstico, difícil, chegou inesperadamente, mas ela permanecia serena e pronta a aceitar a vontade de Deus. Quando o Natal se aproximou, mandou às outras Empenhadas Paroquiais um SMS: «Daqui a uns dias vou começar a fazer a quimioterapia: permaneçamos



p. Slavko Mikelin

*Um dos primeiros sacerdotes
focolarinos da Croácia*

Pároco, vigário geral, diretor da Cáritas, pela sua capacidade de enfrentar com serenidade e equilíbrio todas as situações, mesmo as mais difíceis, o P. Slavko era muito respeitado na Diocese (Sebeniko, Dalmazia). Graças ao seu testemunho e à sua dedicação, a espiritualidade da unidade difundiu-se, quer entre sacerdotes e seminaristas, quer entre leigos.

Em 1975, teve a graça de fazer parte do grupo de sacerdotes que, no dia 17 de fevereiro, fizeram as primeiras promessas como sacerdotes focolarinos, entregando-as nas mãos de Chiara Lubich.

Procurava viver a Palavra de Vida que ela lhe sugeriu: «Tu tens Palavras de vida eterna» (Jo 6,68), sobretudo dando a conhecer o Divino Mestre às pessoas mais débeis, aos casais em crise, aos jovens que procuravam um sentido para a vida, oferecendo-lhes, por meio das Suas Palavras, a possibilidade de uma vida nova.

No dia 1 de julho voltou serenamente para a Casa do Pai, com 91 anos de idade. No seu funeral estiveram presentes dois Bispos, muitos sacerdotes e muitas pessoas leigas, para testemunhar a gratidão pela sua vida totalmente preenchida pelo Evangelho.

Florijan Skunka

sempre unidas, continuando a acreditar no amor de Deus». Em poucas semanas a sua situação agravou-se e, no dia 19 de janeiro, com 72 anos, juntou-se ao Renato, que seis anos antes a tinha precedido na Mariápolis Celeste. Durante a homilia, o pároco salientou a sua delicadeza de alma e a sua grande generosidade.

*secretaria do Movimento Paroquial
da Lombardia*



Ana Baena Arlandis

Aberta à dimensão universal

Com o olhar fixo em Jesus Abandonado, a Ana, voluntária de Sevilha (Espanha), no dia 14 de maio, com 84 anos de idade, partiu para a morada celeste, ao fim de anos de doença, que lhe tinha tirado as forças físicas, mas não a fidelidade à sua doação. Conheceu o Ideal da unidade ao mesmo tempo que a sua irmã, também ela voluntária, e tornou-se um pilar da Obra na sua região. Chiara propôs-lhe a Palavra: «... para serem uma coisa só, como nós somos» (Jo 17,11), que se tornou o lema da sua vida. Mesmo diante daquilo que mais lhe custava, a Ana não desistia, pondo-lhe a marca da unidade.

Passou também algum tempo no Centro das voluntárias, durante o qual a sua vocação se abriu ainda mais à dimensão universal. Viveu e ajudou a viver a Santa Viagem na ótica da espiritualidade coletiva, até ao fim da sua vida.

Ana Guerrero



Ir. Crescenzia Torchia

*«Quem vive para o
Senhor, vive para
sempre»*

Natural de Cosenza (Itália), a Ir. Crescenzia (missionária do Verbo Encarnado do S. Coração de Jesus) conheceu a espiritualidade da unidade no Canadá, para onde se tinha mudado trinta anos antes. Ficou logo fascinada e procurou colocá-la em prática no centro educativo e



de acolhimento para crianças (cerca de 120,) em Woodbridge, fundado pela sua Congregação, para servir os imigrantes. Muita gente a conhecia como a irmã do grande sorriso, com uma chávena de café para todos, sem pressa e sempre pronta para escutar. Transmitia o seu amor pela Obra também na sua comunidade: outras irmãs se aproximaram dos Focolares e, com ela, deram um grande testemunho de fé junto das famílias ao seu redor. No centro educativo, uma obra muito respeitada também pela Igreja local e pelo Governo, às vezes, realizavam-se encontros promovidos pelos Focolares, para religiosas de outras Congregações.

No dia 14 de junho, na paz do seu convento, a Irmã Crescenzia concluiu a sua aventura terrena, com 95 anos de idade. «Temos a certeza - foram as palavras da Superiora Geral - de que, lá do Céu, continuará a ajudar-nos. Conheci a Irmã Crescenzia há 40 anos. Esta Irmã trabalhadora, entusiasta e generosa, de uma espiritualidade profunda e simples, tocou-me profunda e imediatamente. Estivemos juntas durante vinte anos e pude constatar o amor imenso que exprimia através do seu serviço, tão humilde como importante, de cozinheira de uma comunidade muito numerosa, incansável e atenta a todos!».

ao cuidado do Centro das consagradas

Odilia Rivetti Novaglio

A heroicidade dos santos

Todos os anos a Odília, natural da Lombardia (Itália), ia acompanhar os doentes a Lourdes, e foi numa destas peregrinações que conheceu o Franco, o futuro marido. Transmitiu-lhe também a ele a espiritualidade da unidade, que vivia desde a adolescência. O seu amor de casal, que definia como «revelação do amor de Deus», aperfeiçoou-se e fortificou-se. A presença de Jesus entre eles ajudou-os também no discernimento da sua vocação: Franco tornou-se um voluntário e ela empenhada de Famílias Novas. Como não tinham filhos, adotaram uma menina cigana do Kosovo. Depois disso, tiveram também a graça de três filhos biológicos.

Ao partilhar com outras famílias a vida da Palavra, sentia-se toda a sua dedicação: na família, com os adolescentes do Oratório - que amava, um a um, indo visitar as suas famílias -, e com quem se cruzava no seu dia-a-dia. Quando a doença se manifestou, abraçou Jesus Abandonado, fazendo os tratamentos com coragem e confiança. Fez o possível por continuar a dar catequese e seguir os encontros da Obra, oferecendo por esta também as sucessivas cinco intervenções cirúrgicas. O Franco estava sempre ao seu lado e a sacralidade



do amor de ambos edificava quem ia visitá-los. No dia 9 de outubro de 2017, com apenas 56 anos, a Odília levantou voo para Deus. As famílias do seu grupo recordam-na pela «sua doçura, pelas suas palavras, pela luz na sua vida» agradecendo-lhe por terem podido admirar nela «a heroicidade dos santos».

Emy e Marco Lorini

Elena Parrella Piermattei

*Treinada para fazer
a vontade de Deus*



Mais de sessenta anos de matrimónio com o António, duas filhas, cinco netos: são os números da vida da Elena, a primeira pessoa de Ciampino (Roma) a ter aderido ao carisma de Chiara Lubich. Com uma fé límpida e sólida, aderiu à vocação de voluntária, para levar Deus ao mundo, permanecendo fiel durante mais de quarenta anos. Enamorada pela vontade de Deus, com que procurava identificar-se o mais possível, da sua pessoa transparecia o sentido do divino, quer nos momentos dolorosos, quer na simplicidade de

María Luisa Pérez de Mayobre

Uma das primeiras voluntárias do Uruguai

A María Luisa nasceu em Montevideo (Uruguai), casou-se com o Roberto, pessoa que, tal como ela, tinha uma grande fé, transmitida pelos pais, de origem espanhola. Tiveram sete filhos e, entretanto, tendo conhecido o Movimento, tornou-se uma voluntária.

Em casa havia sempre alguém do focolar ou da associação a que o Roberto se dedicava, presenças que enriqueciam o clima familiar, contribuindo para o florescimento de várias vocações na Obra: uma filha (Clarita) focolarina de vida comum, o filho Luis, empenhado de Famílias Novas e três voluntários.

Sempre pronta a servir a Obra nas suas várias manifestações, com espírito generoso, ajudava económica e espiritualmente em muitas situações. Foi responsável de núcleo por diversas vezes, cargo que desempenhou com sabedoria e amor. «Mostrou-nos o que significa ser uma verdadeira filha de Chiara» diziam dela as voluntárias.

um café, com a companhia de outras pessoas ou no abraço a um netinho. Colocava no coração de Jesus todas as preocupações por que a sua alma passava e as de todas as pessoas que se cruzavam na sua vida, para que fosse Ele a tomar conta delas.

Desde há alguns anos que a Elena vivia com uma doença que não a abandonava. A quem lhe perguntava se tinha medo da morte, respondia que não, não tinha medo, e acrescentava, com um sorriso: «Às vezes há coisas que não consigo compreender e então coloco-as no coração de Jesus. Treinei-me muito isto!». De facto, na sua última etapa de vida, quem a conheceu, sentia o fruto deste trabalho que a fez tornar-se uma obra-prima: era como um mar calmo, sempre sorridente, com uma luz muito especial nos olhos.

No dia 14 de fevereiro, com 84 anos de idade, Deus chamou-a ao Céu.

Anna Maria Rondinara



Há três anos a sua saúde começou a ficar mais débil. A memória e, por isso, também a sua autonomia, diminuíram gradualmente, mas quando lhe traziam Jesus Eucaristia, ela tornava-se na pessoa que sempre foi. Especialmente nos momentos de maior sofrimento, sabia ainda re-

petir com devoção uma longa oração que a sua mãe lhe tinha ensinado, quando era pequena. No dia 4 de julho, com 79 anos de idade, na presença de uma filha, deixou serenamente de viver, para ressurgir na Outra Vida, recebida por Maria, a quem tanto amou.

Gabriela Clivio

Crisbeni (Beni) Artajo

Criança do Evangelho e homem de Deus

Voluntário de Cebu (Filipinas), o Beni conheceu a espiritualidade dos Foculares quando frequentava o liceu. «Compreendi - escreveu ele - que não se trata de participar em encontros, mas de ser o primeiro a amar, a ver Jesus nos outros e a pôr em prática as Suas palavras, o que não é fácil. Mas sabendo que não estou sozinho nesta viagem, consigo superar as dificuldades e contribuir para a realização de um mundo unido. A minha primeira experiência de viver o Evangelho foi com um colega de turma que era deficiente».

Veio a saber que, em Tagaytay, estava a começar a ser construída a Mariápolis Pace, e decidiu que, para ir para a escola, podia apanhar apenas um autocarro, em vez de dois, e entregava o que poupava para ajudar na construção. Seguindo o exemplo de Maria, descobriu que a vida pode tornar-se uma oração contínua, um rosário vivo.



Chiara propôs-lhe a Palavra de Vida: «Eu vim para fazer, ó Deus, a Tua vontade» (Hb 10,7). Em casa e na sua profissão de arquiteto empenhava-se, apesar da sua pouca saúde, a viver por Deus de modo totalitário, dando um contributo excepcional ao núcleo e a toda a Obra. Enquanto esperava a sua vez para fazer hemodiálise, aliviava o sofrimento dos outros doentes cantando, com a sua boa voz, canções que levavam à união com Deus. Mansidão,

humildade, simplicidade eram as suas qualidades de criança evangélica e homem de Deus.

Internado no hospital, já muito fraco, preparou-se para o encontro com o Criador, mantendo um sorriso constante. No dia 9 de agosto partiu para o Céu, com 47 anos de idade, deixando atrás de si uma onda de gratidão, pelo seu forte testemunho cristão.

Rosario Pagal Jr

Trinidad (Ini) Gutierrez Nolasco

*«Quem ama o irmão permanece na luz»
(1Jo 2,10)*

Voluntária das Filipinas, a Ini (era assim que todos a chamavam), procurou, já desde criança, pôr em prática o Evangelho. Ofereceu-se para ajudar no Bukas Palad, centro social dos Focolares, em Manila, e ao visitar as famílias nas favelas conheceu outros voluntários, alguns dos quais de famílias muito ricas, que ajudavam os pobres. Para a Ini foi um ponto de viragem. Casou-se com o José e tiveram quatro filhos, entre os quais a Rita (Ting), que está no focolar na Mariápolis Pace.

A Ini teve sempre a porta de casa aberta. Lá faziam-se também os encontros do núcleo e, como algumas das suas companheiras vinham de longe, habitualmente preparava-lhes o jantar. Sendo uma pessoa alegre, de oração e generosa até ao último cêntimo e tendo sempre a certeza que a Providência chegaria, era a primeira a contribuir para a comunhão de bens para a Obra. Enamorada de Jesus Abandonado, a ponto de afirmar que «quando não tenho problemas, parece-me que Jesus já não me ama», quando começou a ficar mais débil, a quem a ia visitar, exprimia todo o seu amor, pegando-lhe nas mãos e confiando-lhe serenamente: «Estou pronta para que Jesus me leve».

Nos últimos momentos de vida, a sua família natural e a da Obra acompanharam-na rezando muitos terços. No dia 27 de fevereiro, a Ini partiu deste mundo, com 95 anos de idade.

Donna Segovia

Elisa (Pupa) Carli

Inteligência vivaz e caráter corajoso

Voluntária de Parma (Itália), a Pupa deixou este mundo aos 91 anos de idade, no dia do Corpo de Deus (31 de maio). Fascinada desde jovem pela espiritualidade de Chiara Lubich, pôs à disposição dos outros o seu coração generoso, para compreender e solidarizar com todas as pessoas com quem partilhava os sofrimentos mais escondidos.

Seguia dois grupos (um dos quais na região do Apenino), em que se trocavam as experiências da Palavra de Vida, e, às pessoas do seu «cacho» (setenta) mandava por correio o folheto, acrescentando um pensamento pessoal.

Gostava muito do seu trabalho - era professora de Direito em Escolas Superiores - e estabelecia com os estudantes relacionamentos profundos e amigáveis. No Movimento Humanidade Nova, empenhou-se no mundo da justiça, criando relacionamentos significativos, que depois cultivava no decorrer do tempo. Compunha, com muita rapidez, poesias



Ferdinando Ghigi

«O universo não é suficientemente grande»

A vida do Nando (era assim que todos o chamavam) era simples, feita de trabalho - era um valente viticultor das colinas de Rimini - e de amor pela família e por cada próximo. Respeitador, delicado nos seus relacionamentos, calmo e, ao mesmo tempo, forte, amava a verdade e a justiça. Uma das suas características era construir a paz e a harmonia. Atento ao bem comum, trabalhava em várias associações, prestando serviços de assessor. Durante algum tempo foi diretor de um Fundo Rural, criado para as pessoas da localidade.

Casado com a Ana, tiveram cinco filhos. Foi a Ana que o aproximou dos Focolares. O Nando participou num congresso, em Roma. Conheceu a vocação dos voluntários, na qual sentiu uma luminosa correspondência com o seu desejo de autenticidade evangélica, e decidiu fazer parte dela. O relacionamento com a Ana aperfeiçoou-se cada vez mais, os filhos cresceram num clima que os levou, por sua vez, a escolhas generosas. Trabalhava na paróquia, visitava idosos e doentes, levando-lhes a Eucaristia e demorando-se bastante com eles. Ele e a mulher prepararam uma grande sala para dar possibilidade aos filhos de se reunirem com as suas famílias, mas também para hospedar pessoas que vinham de passagem, conhecidas ou não, construindo relacionamentos relevantes com muita gente. Quando, em 2011, festejaram o 50º

para animar os vários acontecimentos, e, ao mesmo tempo organizava as coisas práticas da vida do quotidiano, também das pessoas que lhe pediam ajuda. Aos 85 anos, decidiu aprender a usar o computador para poder estar a par dos tempos e dialogar com os jovens.

Elegante, dotada de uma inteligência viva e uma vasta cultura, amante da arte, em particular a poesia, a Pupa tinha um carácter corajoso que a ajudava a ultrapassar as várias dificuldades da vida, especialmente a sua última doença.

Daniela Nicolini Palmieri



aniversário do casamento, os amigos da paróquia escreveram num cartaz: «O universo não é suficientemente grande para conter o vosso amor pelo próximo».

Uma doença genética, que o Nando não sabia

que tinha, foi-o enfraquecendo cada vez mais. Aceitou-a com serenidade e a sua fé cristalina impressionava o coração de muita gente. No hospital, onde passou os últimos dias, não deixou indiferentes todos os que o visitaram ou cuidaram dele. Reassegurou à mulher e aos filhos que tinha feito tudo o que devia e convidou-os a ficarem serenos, porque ele estava pronto para o encontro com o Pai. Encontro que aconteceu no dia 10 de janeiro, com 82 anos de idade. Com as ofertas recolhidas na missa do funeral, conseguiu-se angariar a quantia para uma adoção à distância, dirigida pela AFNonlus.

Alessandro Lesignoli

Marcella Francalanci Pagliuzzi

«Tu és, Senhor, a minha esperança, a minha confiança, desde a minha juventude» [Sal 70 (71)]



Um olhar transparente, um rosto sempre iluminado pelo sorriso: eram estas as características da Marcella, voluntária de Leccio (perto de Loppiano), que deixou esta Terra no dia 29 de agosto, com 97 anos de idade.

Desde juvenzinha que queria viver só para Deus. Aos 43 anos, ficou viúva por causa de um acidente de trabalho do marido. Com muito sacrifício criou e fez com que os dois filhos estudassem, sem deixar de cumprir os vários compromissos que mantinha na

paróquia. A um certo ponto a sua alma foi tocada pelo carisma de Chiara. «Foi como um fulgor - recordava ela - que iluminou todo o meu passado, fazendo-o resplandecer de amor pessoal de Deus por mim». Começou a viver o Evangelho e, as experiências que partilhava, testemunhavam um percurso radical por Deus, expresso no amor aos irmãos. Nunca culpava ou julgava ninguém, nunca se lamentava, nem nos anos mais difíceis da sua vida, até ao fim.

A oração, a meditação e a comunhão de tudo quanto Deus operava nela eram o alimento da sua alma. Quando a doença já estava avançada e a memória ia diminuindo, o momento presente mantinha-a ancorada à vontade de Deus e cada encontro com ela era uma festa a Jesus no meio.

Aurelia Nembrini

Angela Zazzini Abballe

Escutar, encorajar, apoiar

A Angela, natural de Roma, sentia-se realizada como mulher, mãe, amiga, colega de trabalho e irmã. Desde pequena, era uma pessoa com muita vivacidade e muita liberdade. Mas, sobretudo, era profundamente cristã. Era casada com o Donato e, aos 47 anos, conheceu os Focolares. Tornou-se uma voluntária, vivendo com convicção e consciência tudo quanto estava já na sua índole generosa e aberta. A filha, Simona, sofre de uma grave doença crónica, uma provação muito dura para toda a família que, aceite e partilhada,



tornou-se um autêntico testemunho de Evangelho, vivido com coerência e coragem. Mantendo um relacionamento sempre constante com Jesus, a Angela conseguia tratar sempre de tudo. Juntamente com o marido, trabalhava na paróquia, à qual se entregava totalmente. A sua casa, muito bem cuidada e harmoniosa, estava sempre ao dispor: quem quer que batesse à porta era recebido com um sorriso, porque a Angela estava sempre pronta a escutar, encorajar e apoiar.

No dia 26 de janeiro, com 89 anos de idade, deixou serenamente esta vida, confirmando que só o amor é que conta e permanece.

Anna Maria Massaro Nuzzo

Ir. Clara Zimmitti

O seu segredo era o amor a Jesus Abandonado

A Ir. Clara nasceu em Siracusa e, desde pequena, sentia a vocação de ser missionária. Aos 15 anos, por intermédio de Graziella De Luca, conheceu os Focolares e começou a viver a espiritualidade num autêntico amor pelos pobres. Entrou para as Ursulinas de Santa Angela Merici e, aos 32 anos, foi para o Brasil.

A Ir. Clara acreditava na capacidade de redenção do ser humano e investiu fortemente na educação. Na escola onde en-



sinava tornou-se diretora, cargo que desempenhou com dedicação e empenho. Manteve-se em contacto com os Focolares ajudando, de muitas maneiras, as atividades da Obra. Quando alguma pessoa demonstrava sensibilidade pelas coisas de Deus, encaminhava-a para o focolar ou para um grupo da Palavra de Vida. Se se deparava com qualquer dificuldade, procurava logo uma solução para ajudar quem precisava. Em Mogi das Cruzes, perto de S. Paulo, onde vivia e trabalhava, cresceu uma comunidade do Movimento.

O seu segredo era a vida da Palavra e o amor a Jesus Abandonado, até ao dia 18 de agosto, quando Deus a chamou a Si, com 83 anos de idade. Na Missa do funeral, os testemunhos de um ex-aluno e de um professor realçaram a concretização e a eficácia do seu amor para com todos.

Pela sua abertura aos novos carismas da Igreja, a madre superiora falou dela como de uma «grande mulher», acrescentando: «Eu própria sou fruto do carisma de Chiara Lubich, tendo sentido a minha vocação ao ouvir a sua história».

Maria Elisete Silva

Nelsa Frandi

Os traços pouco comuns da sua interioridade

A Nelsa, a quem a encontrava pela primeira vez, podia parecer uma mulher comum de Falcinello, uma aldeia da Ligúria, onde nasceu. Mas, imediatamente se davam conta de que nela existiam traços pouco comuns, derivados da interioridade da sua pessoa e da sua experiência evangélica. Por volta dos 30 anos, de facto, encontrou a espiritualidade dos Focolares, e procurou vivê-la numa fidelidade exemplar a Deus, como voluntária da Obra.

Desarmante na sua simplicidade, com o seu sorriso, captava de imediato a confiança dos



outros, colocando todo o seu ser em tudo o que lhe confiavam, na maior parte dos casos, sofrimentos e problemas de todo o género. Com poucas palavras, dava a cada um uma sugestão certa e decisiva.

Por mais de 45 anos, trabalhou para dois sacerdotes focolarinos, que ficavam profundamente gratos pela dádiva da sua presença diária, que fazia lembrar a presença de Maria. No dia 7 de janeiro, com 80 anos de idade, o Senhor chamou-a si. A Nelsa deixou um grande vazio no coração de muita gente da paróquia e do Movimento dos Focolares, ao qual pertenceu durante mais de 50 anos. Um vazio preenchido pela recordação do seu grande amor por cada próximo.

Angela Roncallo

Anna Marini Guercini

«Na tua vontade está a minha alegria» [Salmo 119 (118),16]

Voluntária dos Castelos Romanos, a Anna, casada com o Alberto e com dois filhos, cunhada da Paola e da Annamaria (focolarinas casadas) e do P. Angelo (sacerdote voluntário), assumiu várias responsabilidades na Obra: seguiu grupos de aderentes e da Palavra de Vida; foi responsável de núcleo. Dedicou-se também à Paróquia, sendo catequista das crianças mais pequeninas. Onde não conseguia chegar fisicamente, procurava ajudar com a oração, resolvendo muitas situações.

Devido a uma doença crónica, passou momentos difíceis que se acentuaram quando a doença final surgiu. Uma provação que a colocava diante de Deus e que procurava viver amando, ancorada no momento presente. «Não é fácil - comunicava ao seu núcleo - tudo se tornou fatigante e difícil. Tenho dores em todo o corpo. Quando as pessoas me vêm visitar, procuro ouvir e estar em



doação, partilhando o trabalho que Deus faz em mim. Peço-vos que rezeis para que eu possa fazer a vontade de Deus, até ao fim».

Rodeada pelos seus familiares e pela família da Obra, sustentada pela Eucaristia diária, no dia 9 de fevereiro, com 74 anos de idade, partiu para a Casa do Pai.

Anna Rita Rondinara

Emilia Giangrandi Zaniboni

O último desejo

Desde pequena que a Emilia, da região de Bolonha, vivia a sua fé cristã com radicalidade. Casou-se e teve quatro filhos. Depois da última gravidez, começou um caminho de procura espiritual que a fez encontrar os Focolares. A descoberta de Jesus Abandonado fez-lhe compreender o sentido do sofrimento e



como o superar. Queria entregar-se totalmente e tornou-se uma voluntária. A Emilia comprometeu-se sempre e cada vez mais em amar Jesus Abandonado. Tornou-se ministro da Eucaristia, levando-A aos doentes e aos que viviam sozinhos, construindo com eles relacionamentos de serviço e de confiança, cuidando das suas necessidades materiais e espirituais.

Nos últimos meses, com o agravamento da doença, viveu com serenidade e em paz, sem nunca se lamentar. Quando estava a entrar na ambulância para ir para o hospital, olhando para a porta da igreja que ficava ao lado da sua casa, pediu o seu último desejo: poder lá entrar para saudar Jesus. No dia 13 de junho, concluiu serenamente o seu percurso terreno, aos 79 anos de idade.

Daniela Nicolini Palmieri

Ludovica Giampietro Cabano

No seu amor, a presença do Ressuscitado

Voluntária da Ligúria (La Spezia), a Ludovica era uma pessoa de espírito doce e delicado. Trabalhava na paróquia como catequista. No relacionamento com as crianças e com as suas famílias transmitia a sua fidelidade a Deus e ao Seu amor de Pai. Durante a doença de Achille, o marido, que acompanhou nos seus longos meses



de sofrimento, confiou-se totalmente a Ele. A seguir passou a cuidar da mãe, quase com cem anos, com amor e dedicação até ao fim, sem fazer transparecer o peso e o sofrimento. Depois da morte da mãe, embora tivesse também ela problemas de saúde, dedicou-se a cuidar das voluntárias doentes. E, quando as suas forças já não lhe permitiam frequentar o núcleo, foram as próprias voluntárias a reunir-se em casa dela. A Ludovica transmitia a sua

alegria e o amor particular por cada uma delas, tornando aqueles momentos especiais e enriquecidos com a presença do Ressuscitado.

No dia 30 de novembro de 2017, com 79 anos de idade, partiu de repente para o Céu.

Angela Roncallo

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **a Liliana, irmã de Chiara Lubich**; **a Angelina, mãe do Carlos (Caloy) Adan**, focolarino em Davao (Filipinas); **a Úrsula, mãe da Mariángeles Fernández**, focolarina em Valência (Espanha); **o Alberto, pai da Gloria Campagnaro**, focolarina na Mariápolis Romana; **a Mária, mãe da Gizela e da Julianna Aranyos**, focolarinas respetivamente em Belgrado (Sérvia) e em Szeged (Hungria); **o Gino, pai do Marco Luppi**, focolarino em Florença; **o Tonino, irmão da Adalgisa Ferreira de Sousa**, focolarina em João Pessoa (Brasil); **o Teruo, pai da Kumiko (Renata) Kobayashi** e

a Maria, mãe da Leontina (Kirna) Viana, focolarinas em Tóquio; **a Saeko, mãe da Keiko (Tessa) Oto**, focolarina em Nagasaki (Japão); **o pai da Anna Di Vita**, focolarina em Palermo; **o Jean Paul, irmão do Aimé Mapendano**, focolarino em Bamenda (Camarões); **o Jaume, pai do Cinto Busquet**, focolarino em Barcelona (Espanha); **a Giuseppina, mãe do Luigi Lervinni**, focolarino em Milão; **a Milagros, mãe da Amparo Gómez**, focolarina em Barcelona (Espanha); **o Sang Tae (Michael), irmão da Lioba Na**, focolarina em Vancouver (Canadá); **a Mamie, mãe do Roger Mwakayenge**, focolarino em Onitsha (Nigéria); **a Edvige, mãe do Walter Cerchiaro**, focolarino em Lima (Perú).



Mudar... para crescermos juntos

Noticiário Mariópolis

Uma nova forma, a partir de 2019

A partir de janeiro, a Revista Mariópolis em italiano vai cessar a versão em papel. O seu espaço digital será aumentado, na plataforma renovada do Movimento dos Focolares, que está prestes a ser lançada

Agora chegou o momento de dar mais um passo.

Brevemente estará online, completamente renovada, a plataforma digital do Movimento dos Focolares - www.focolare.org - em que a *Mariópolis* ocupará um espaço privilegiado para continuar a exprimir a frescura, a beleza, a variedade e a internacionalidade da Obra, permitindo-nos seguir a vida das Zonas e do Centro.

Na fidelidade à sua vocação, a *Mariópolis* destina-se especialmente aos membros, aos aderentes e aos amigos do Movimento, mas estará disponível a quem estiver interessado em conhecer a nossa vida. Haverá a possibilidade de selecionar notícias de interesse próprio e de receber com regularidade, através do telemóvel ou do computador. Isto interpela especialmente quem utiliza com regularidade a internet.

Ora sabemos que, na nossa família, nem todos temos a possibilidade de aceder ao mundo digital. Por isso, de **dois em dois meses, será colocada à disposição uma versão pdf da Mariópolis, com as notícias mais relevantes desse período, que vamos imprimir em português, numa apresentação mais simples e de menor qualidade gráfica, a partir do site.**

No número de novembro-dezembro do Noticiário, o último que será impresso com este formato, daremos as indicações de acesso ao novo espaço digital dedicado à *Mariópolis*.

a redação

Para a «família de Chiara Lubich» espalhada no mundo inteiro é vital viver em comunhão, utilizando para isso também os meios de comunicação na sua contínua evolução. O Noticiário *Mariópolis*, idealizado pela própria Chiara Lubich, como instrumento ao serviço desta comunhão, na fidelidade à sua missão, está a seguir a sua evolução ao longo do tempo¹.

Basta pensar na criação da *Mariópolis online*, traduzida em cinco ou mais línguas, que até agora foi reproduzida no formato de papel.

1 Ver Mariópolis 5-6/2018

MARIÁPOLIS SÃO PEDRO DO SUL

5-6-7 de OUTUBRO de 2018

Momentos ao ar livre, caminhadas, muita comunhão, jogos, meditações e festa juntos, reavivaram o espírito da primeira Mariápolis, para os 182 participantes.

A palavra "eu quero" (que expressa o sim de Maria) tornou-se "um jogo": tal como Ela, dizer sempre "sim".

Foi com as palavras Alegria, Liberdade, Compromisso e Ambiente familiar que os participantes definiram a Mariápolis.

